

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

FATORES PREDITIVOS DO STRESS PARENTAL

Ana Rita Ramalho dos Reis e Silva

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

(Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica)

Coimbra, 2012



FATORES PREDITIVOS DO STRESS PARENTAL

Ana Rita Ramalho dos Reis e Silva

Dissertação Apresentada ao ISMT para a Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica
(Ramo de Especialização de Psicoterapia e Psicologia Clínica)

Orientador(a): Professora Doutora Carolina Henriques, Professora Adjunta na Escola Superior
de Saúde de Leiria, Instituto Politécnico de Leiria

Coimbra, outubro de 2012

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar o meu mais sincero e profundo "*Obrigada*" a todos aqueles que, direta ou indiretamente tornaram possível a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar, á Professora Doutora Carolina Henriques, agradeço pela imensa dedicação e disponibilidade demonstrada, pela compreensão, amizade, incentivo e ainda pela sua capacidade de escuta e o apoio incansável que se revelaram essenciais, permitindo-me um enriquecimento e crescimento pessoal e profissional.

Á Doutora Maria José Araújo, investigadora do Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Universidade do Porto, deixo também uma palavra de agradecimento pelo apoio de material fornecido e pela enorme amabilidade e colaboração prestada sempre que solicitada.

Aos diretores do Colégio João de Barros e aos pais e crianças que participaram neste estudo, agradeço a disponibilidade e permissão da recolha de dados, sem as quais não teria sido possível a realização deste trabalho.

Aos meus colegas de mestrado, que em todos os momentos deste trabalho, me acompanharam, ouviram os meus receios e entusiasmos, incentivando-me sempre a continuar.

Ao meu marido e aos meus pais pelo incentivo e colaboração, pelos diversos sacrifícios suportados e pelo constante encorajamento a fim de prosseguir a elaboração desta tese.

Finalmente, de modo especial, quero agradecer á Catarina pelas palavras amigas, pelo auxílio nas dificuldades e principalmente por estar comigo nesta caminhada tornando-a mais fácil e agradável.

A todos os mencionados,

Muito Obrigada!

Por todos os meus silêncios, ânsias e
ausências, dedico este trabalho aos meus
filhos *Guilherme* e *Eduarda* e ao nosso amor incondicional.

RESUMO

Criar um filho é um desafio de grande responsabilidade e exige profundas transformações e adaptações na vida dos pais, sendo que os comportamentos parentais são influenciados por causas múltiplas, nomeadamente o stress parental, as variáveis sociodemográficas tais como o estatuto socioeconómico, o número de filhos, o género e idade dos pais, entre muitos outros. Esta pesquisa visa conhecer as características sociodemográficas e laborais dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros, conhecer as características sociodemográficas e escolares das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros e avaliar o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros. Para além destes objetivos, pretende-se também determinar a relação existente entre o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros e algumas características sociodemográficas e laborais e determinar a relação existente entre o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros e algumas características sociodemográficas e escolares das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros.

A amostra é constituída por 50 encarregados de educação e 50 crianças a frequentarem o 2º ciclo do Colégio João de Barros. Foram definidos dois grupos de amostra e para cada grupo foi utilizado um instrumento de colheita de dados. Para o grupo dos encarregados de educação, aplicou-se um questionário sociodemográfico e laboral para avaliar as características sociais e laborais dos encarregados de educação das crianças e a “Escala de Stress Parental” para avaliar os níveis de stress experimentado pelos pais. Relativamente às crianças, aplicou-se um questionário relativo a dados sociodemográficos e escolares.

Os resultados revelaram baixos níveis de stress parental, assim como a não existência de relação estatisticamente significativa entre os níveis de stress parental e as características sociodemográficas e laborais recolhidas, tal como algumas características sociodemográficas e escolares relativamente às crianças. No entanto surgiram resultados interessantes, nomeadamente a relação existente entre os rendimentos dos pais e os níveis de preocupações parentais e a relação existente entre a inexistência de irmãos e os elevados níveis de falta de controlo.

Palavras-chave: Stress, Parentalidade, Escola

ABSTRACT

Raising a child is a challenge of great responsibility and it demands profound transformations and adaptations in the lives of the parents since parental behaviour is influenced by multiple causes, namely parenting stress, sociodemographic variables such as socioeconomic status, number of children, gender and age of parents, among many others. This research aims to study the sociodemographic and work-related characteristics of the parents whose children attend lower secondary education at College João de Barros, to study the sociodemographic and scholastic characteristics of the children who attend lower secondary education at College João de Barros and to assess the level of parenting stress of the parents whose children attend lower secondary education at College João de Barros. In addition to these aims, it is also intended to determine the existing relationship between the level of parenting stress of the parents whose children attend lower secondary education at College João de Barros and some sociodemographic and work-related characteristics and to determine the existing relationship between the level of parenting stress of the parents whose children attend lower secondary education at College João de Barros and some sociodemographic and scholastic characteristics of the children who attend lower secondary education at College João de Barros. The sample is composed of 50 parents and 50 children attending lower secondary education at College João de Barros. Two sample groups were defined and a Data Collection Instrument used for each group. For the group of parents, a sociodemographic and work-related questionnaire was administered in order to assess the social and work-related characteristics of the parents, as well as the “Level of Parenting Stress” to assess the level of stress the parents are under. Regarding the children, a questionnaire relating to sociodemographic and scholastic data was administered.

The results revealed not only low levels of parenting stress but also a non-existent statistically significant relationship between the levels of parenting stress and the sociodemographic and work-related characteristics collected, as well as some sociodemographic and scholastic characteristics of the children. Nonetheless, interesting results were obtained, namely the existing relationship between the parents’ income and the levels of parental concerns and the existing relationship between the non-existence of siblings and the high levels of a lack of control.

Keywords: Stress, Parenthood, School

ÍNDICE

Parte I – Introdução	8
1. A Parentalidade e seus contextos	9
1.1 Stress Parental	10
1.2 A Escola e o Stress dos Parental	11
2. Fatores Preditivos do Stress Parental: Estudos Empíricos	13
Parte II – Contribuição Pessoal	19
1. Materiais e Métodos	19
1.1.Tipo de Estudo	20
1.2.Objetivos da Investigação	20
1.3.Questões da Investigação	21
1.4.Hipóteses	21
1.5.População Amostra	22
1.6.Instrumentos de colheita dados	24
1.7.Procedimentos formais e éticos	27
1.8.Análise Estatística	28
2. Resultados	29
2.1.Análise Descritiva	29
2.2.Análise Inferencial	38
3. Discussão dos Resultados	48
Conclusão	55
Bibliografia	58
Anexos	
Anexo I : Pedido de autorização ao Diretor do Colégio João de Barros	
Anexo II: Consentimento Informado e Questionários	

INDICE DE TABELAS

Tabela 1: Teste da Normalidade (Kolmogorov-Smirnov).....	28
Tabela 2: Caracterização da amostra das crianças face à idade.....	29
Tabela 3: Caracterização da amostra face a dados sociodemográficos e escolares das crianças	30
Tabela 4: Caracterização da amostra face a dados sociodemográficos e escolares das crianças	30
Tabela 5: Caracterização da amostra face a dados escolares das crianças.....	31
Tabela 6: Caracterização da amostra face a dados escolares das crianças relativo aos trabalhos para casa	33
Tabela 7: Caracterização da amostra dos encarregados de educação face à idade	33
Tabela 8: Caracterização da amostra face a dados sociodemográficos dos encarregados de educação	34
Tabela 9: Caracterização da amostra face a dados sociodemográficos, laborais e de apoio aos filhos dos encarregados de educação	35
Tabela 10: Caracterização da amostra face ao apoio aos filhos na realização dos trabalhos de casa pelos encarregados de educação.....	37
Tabela 11: Caracterização da amostra face ao Stress Parental.....	38
Tabela 12: Resultados da aplicação da Correlação de Spearman entre o nível de stress parental e a Idade.....	39
Tabela 13: Resultados da aplicação do Teste U de Mann-Whitney entre o nível de stress parental e o sexo dos pais das crianças.....	40
Tabela 14: Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre o nível de stress parental e o estado civil.....	41
Tabela 15: Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre o nível de stress parental e o rendimento mensal.....	42
Tabela 16: Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre o nível de stress parental e o tempo dispensado ao filho.....	43
Tabela 17: Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre o nível de stress parental e a ajuda ao filho.....	45

Tabela 18: Resultados da aplicação do Teste U de Mann-Whitney entre o nível de stress parental dos pais e a existência de irmãos.....	46
Tabela 19: Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre o nível de stress parental e a frequência de trabalhos de casa.....	47

PARTE I – INTRODUÇÃO

O stress pode ser considerado como uma forma de defesa adaptativa para o indivíduo e apresenta-se como um dos principais desestabilizadores das funções parentais, tendo em conta que envolve fatores stressantes a nível financeiro, extra familiar, da relação conjugal e também relacionados com a própria criança. Tendo em conta estes fatores, considerou-se pertinente elaborar um estudo onde se previram a identificação de fatores preditivos do stress parental, tendo como principais objetivos conhecer as características sociodemográficas e laborais dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros; conhecer as características sociodemográficas e escolares das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros; avaliar o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros; determinar a relação existente entre o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros e algumas características sociodemográficas e laborais e determinar a relação existente entre o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros e algumas características sociodemográficas e escolares das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros.

Para o desenvolvimento do presente estudo foi selecionada uma amostra constituída por 50 encarregados de educação e de 50 crianças, filhos/as dos encarregados de educação, através do método não probabilístico de amostragem acidental, tendo como metodologia a aplicação de um inquérito por questionário a cada um dos grupos, do modo a conhecer as características sociodemográficas específicas de cada grupo, e a aplicação de uma escala de stress parental ao grupo dos encarregados de educação, constituindo-se portanto um estudo transversal e correlacional.

Este estudo encontra-se dividido em duas partes, sendo a primeira uma revisão da literatura, onde se enquadram os contextos da parentalidade, o stress parental, a escola e o stress parental e os estudos empíricos que fundamentam as bases teóricas deste estudo. Na segunda parte, correspondente à contribuição pessoal, encontram-se os materiais e métodos utilizados para o desenvolvimento do estudo, integrando todos os procedimentos e instrumentos utilizados, os resultados obtidos e a sua análise, tanto a descritiva como a inferencial. Por fim a discussão dos resultados, onde se efetua uma discussão fundamentada dos resultados obtidos.

1. A Parentalidade e seus contextos

A parentalidade está relacionada com a chegada de um filho e inicia-se ainda durante a gestação da mulher, onde tem início o processo de adaptação ao novo papel a desempenhar pelos pais e constitui-se como um projeto pouco linear, uma vez que envolve as características dos próprios pais. Durante este processo de interiorização e desempenho dos papéis, desenvolve-se também, em ambos os pais, uma consciência e procura de satisfação das exigências sociais e familiares que acarretam este novo papel, o que poderá causar algum stress ou frustração se não for vivido de forma tranquila.

Um dos maiores destaques no que diz respeito à parentalidade, prende-se com as alterações que o papel do homem sofreu na nossa sociedade nas últimas décadas. Este deixou de ser completamente alheio à educação dos filhos, para se tornar num agente ativo na educação e cuidado dos filhos, o que permitiu que o papel da mulher, cuja função principal era cuidar dos filhos e zelar pela educação destes, passando a assumir papéis sociais mais ativos. Estas alterações permitiram um equilíbrio de géneros na participação da educação dos filhos, e foram-se desenvolvendo à medida que o próprio conceito de família sofria alterações, nomeadamente em relação ao facto de ambos os pais tomarem as decisões em conjunto, deixando para trás a hierarquia anteriormente imposta, onde a decisão pertencia exclusivamente ao pai.

De acordo com Bayle & Martinet (2008 citado em Costa, 2011), outro exemplo das alterações da parentalidade e do próprio conceito de família, está relacionado com a forma como as crianças eram tratadas, uma vez que no início do séc. XX, estas eram entregues a amas, ou deixadas pela casa, ao abandono, provocando muitas vezes mortes prematuras, enquanto hoje em dia são cuidadas, protegidas e muito amadas.

Todas as alterações sofridas ao longo do tempo no contexto familiar, determinaram também o comportamento dos filhos em relação aos pais uma vez que a relação entre pais e filhos acarreta muita importância no desenvolvimento da criança.

Segundo Urra (2007, citado por Costa, 2011), existem diferentes estilos parentais: o permissivo, o autoritário, o superprotetor e o democrático. O permissivo corresponde a uma ausência de regras, a uma falta de hierarquia familiar, onde a vontade do filho é sempre satisfeita. Por outro lado, o estilo autoritário caracteriza-se pela submissão da criança à vontade dos pais, por medo das consequências severas, não sendo permitido uma abertura ao diálogo. O modelo superprotetor proporciona uma proteção e demonstração de afeto

excessiva, provocando por sua vez uma falta de autonomia à criança que se revelará problemática na idade adulta. Por último, o estilo democrático, considerado como o mais adequado, onde a educação da criança é baseada no diálogo, afeto, existência de regras e autoridade por parte dos pais, mas que com equilíbrio e explicação, promovem a autonomia e liberdade, dentro dos limites definidos.

Em suma, a parentalidade revela-se um papel difícil de representar em plenitude, nomeadamente se tivermos em conta todos os anseios e pressões, tanto internas (no seio da própria família), como externas (na comunidade/sociedade) que este acarreta, para além de todos os receios que vão surgindo com o desenvolvimento da criança. Revela-se assim importante a prática positiva da parentalidade, pois as crianças de hoje serão os adultos e pais de amanhã e tendencialmente irão reproduzir a educação que tiveram nos seus próprios filhos. Desta forma, a promoção de uma parentalidade eficaz, positiva e causadora de felicidade, começa com os pais de hoje.

1.1 Stress Parental

O stress pode ser considerado como uma forma de defesa adaptativa para o indivíduo, podendo, no entanto, ser considerado uma doença, sempre que se torna excessivo ao ponto de afetar a vida do indivíduo, podendo ser também fator determinante para o aparecimento de doenças. Alguns autores referem que o stress pode ser considerado positivo ou negativo, dependendo da perceção e da capacidade de resposta ao mesmo por parte do indivíduo. Os fatores indutores de stress podem caracterizar-se como sendo de natureza física, psicológica ou social, podendo estes ser classificados como qualitativos ou quantitativos. Os qualitativos referem-se ao acontecimento que desencadeia stress, sendo os quantitativos as consequências deste, de acordo com Vaz (2007, citado por Costa, 2011).

Segundo Pinto & Silva et al. (2005, citado por Costa, 2011), os acontecimentos indutores de stress podem ser organizados em classes: acontecimentos traumáticos, acontecimentos significativos ao longo da vida do indivíduo, situações crónicas, microindutores de stress (pequenos problemas do quotidiano), macroindutores de stress (situações que o sistema socioeconómico impõe ao indivíduo), acontecimentos desejados e não realizados e traumas.

Existem diversos sintomas de stress e estes variam de indivíduo para indivíduo, no entanto manifestam-se maioritariamente a nível comportamental, emocional, cognitivo e por sintomas vegetativos.

Tendo em conta todos os fatores descritos anteriormente, é importante salientar que o stress se apresenta como um dos principais destabilizadores das funções parentais, tendo em conta que envolve fatores stressantes a nível financeiro, extra familiar, da relação conjugal e também relacionados com a própria criança. (Holden & Banez, 1996, citado por Costa, 2011).

Existem alguns estudos acerca da influência do stress parental e das suas causas, nomeadamente os que associam elevados índices de stress parental em crianças com doenças crónicas ou problemas comportamentais, no entanto, vários destes estudos já foram refutados por outros tantos autores, não sendo passíveis de universalidade consensual, provavelmente devido ao facto das características de cada sociedade serem igualmente distintas entre si, o que leva a diferentes resultados em diferentes populações. No entanto, na sua maioria, apresentam uma correlação negativa entre o stress parental e o ambiente em que as crianças vivem, bem como a perceção negativa que os pais desenvolvem em relação aos filhos, fatores que se manifestam significativos tanto a nível familiar, como a nível da aprendizagem e desempenho das crianças.

1.2 A Escola e o Stress Parental

A família é considerada como um dos pilares mais importantes da sociedade, principalmente no que respeita à educação, no entanto, devido às alterações que esta tem sofrido nas últimas décadas, têm-se também perdido redes de apoio familiar importantes, que lhes proporcionavam a estabilidade necessária para proporcionar uma educação de qualidade aos seus filhos. Foram assim surgindo novas formas de organização familiar que devem ser tidas em conta na análise do envolvimento dos pais em contexto escolar, uma vez que, como afirma Sarmiento (2005, p.55, citado por Colaço, 2007, p.41) existe uma “divisão clara entre conjugalidade e parentalidade”, ou seja, a escola deverá ter em conta estas alterações, nomeadamente o facto de nem sempre o encarregado de educação pertencer ao núcleo familiar das crianças, bem como de que nem todas as famílias possuem condições emocionais, materiais e humanas para entregar à escola crianças com hábitos de trabalho, responsáveis, autónomas e prontas a que a escola possa desempenhar o seu papel sem grandes sobressaltos, ou seja, “frequentemente a escola tem que assumir esta tarefa de educação que seria da competência da família, não dispondo de meios nem de capacidade para realizar tal desafio” Gonçalves (2003, p.119, citado por Colaço, 2007, p.41).

Apesar destes factos,

“Todas estas alterações fazem com que a escola dos nossos dias, tenha que acolher crianças com vivências familiares muito diversificadas, tornando-se imprescindível que o professor conheça a família de cada uma das crianças, de forma a poder conduzir melhor o processo de aprendizagem dos seus alunos. Esta é uma tarefa muito importante da escola, mas que está dificultada devido às transformações que esta instituição também tem vindo a sofrer ao longo das últimas décadas” Colaço (2007, p.41).

Relativamente à escola, esta também tem sofrido alterações, permanecendo no entanto, ainda muito dependente dos órgãos que a tutelam, tal como as Direções Regionais de Educação e o Ministério da Educação, o que se por um lado lhes retira autonomia para poderem fazer adaptações de acordo com as características dos alunos que a frequenta, por outro pode causar frustração nos professores, por estes não conseguirem obter os resultados desejáveis, de acordo com as diretrizes que lhes são impostas e que devem cumprir. (Colaço, 2007).

Ainda segundo o mesmo autor, outro motivo de angústia dos profissionais da educação é a dificuldade em lidar com alunos que, para além das suas diferentes origens sociais e culturais, foram educados em contextos familiares onde não se interioriza o conceito de autoridade, uma vez que se tornaram, com a evolução da sociedade, tendencialmente permissivas, dificultando assim o papel da escola e dos professores (Colaço, 2007).

Um outro aspeto relevante é o facto de que a vida agitada dos pais, não lhes permitir um envolvimento muito grande nas atividades de aprendizagem com os seus filhos, nem com atividades escolares destes, o que resulta essencialmente das condições socioeconómicas dos pais e da sua crescente necessidade em trabalhar intensamente de modo a proporcionarem alguma estabilidade financeira às suas famílias. Nestas atividades, devem incluir-se também os trabalhos de casa, cujo tema gera alguma discórdia entre os diversos autores, e que de acordo com a maioria dos professores, são essenciais para o envolvimento dos pais na aprendizagem dos seus filhos. Perrenoud (1995, p.152, citado por Colaço, 2007, p.96), refere que “os trabalhos de casa, ao contrário de favorecerem o diálogo escola/família, proporcionam aos pais a pior parte do trabalho escolar, servindo para enervá-los, culpabilizá-los, deixar-lhes campo livre às angústias, transformá-los em explicadores...colocar muitos pais em situação de incompetência ou de onipotência”. Por outro lado, Favre e Steffen (1988, citado por Colaço, 2007) referem que os trabalhos de casa são uma forma de os pais poderem ver como os filhos trabalham e como lidam com a escola, podendo ser uma forma de melhorar a comunicação entre a escola e a família.

Apesar da falta de consenso, no que diz respeito a esta temática, continua a ser uma questão muito debatida. Como já foi referido anteriormente, o stress parental afeta de forma significativa o ambiente familiar, o que poderá levar as crianças a obterem menor rendimento escolar. Também o facto de os trabalhos para casa poderem ser, conforme já referido, um desencadeador de stress parental, poderá proporcionar um maior afastamento na relação entre a escola e a família e possivelmente a um menor acompanhamento da aprendizagem da criança por parte dos pais.

2. Fatores Preditivos do Stress Parental: Estudos Empíricos

Colaço (2007), na sua tese final de mestrado, subordinada ao tema “A relação Escola-Família e o envolvimento dos pais: representações de professores do 1º Ciclo do Concelho de Rio Maior”, pretendeu estudar, através de uma investigação descritiva e utilizando um método essencialmente quantitativo, a forma como os professores percecionavam o nível de envolvimento dos pais na aprendizagem dos seus filhos e a relação destes com a escola. A metodologia utilizada passou pela entrega de 78 questionários à totalidade dos professores de 1º Ciclo do conselho de Rio Maior e destes, foram recolhidos 75, tendo sido convertidos na amostra do estudo.

De acordo com os dados obtidos nos questionários, os professores respondentes acharam que a iniciativa de envolver as famílias na vida escolar dos filhos não pertence aos pais, mas não se mostraram largamente consensuais quanto a essa iniciativa pertencer aos professores. Acham ainda que o motivo dos pais não se envolverem mais na vida escolar dos filhos é o seu desinteresse e não outro tipo de razões imputáveis à escola ou aos professores. Também foi questionada sobre que tipo de relação existe entre o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos e o sucesso educativo dos alunos, cujos resultados permitiram verificar que os professores atribuem as causas do sucesso educativo, mais a fatores ligados às características do aluno do que ao facto dos pais se envolverem mais ou menos na vida escolar dos filhos e também o associam ao bom desempenho do professor e da escola. Por outro lado, associam o sucesso educativo mais ao envolvimento dos pais em atividades de aprendizagem em casa do que à sua participação na definição das políticas educativas da escola. Já quanto ao insucesso educativo, para além de o atribuírem a fatores intrínsecos ao aluno, mostram-se indecisos ou sem opinião quanto a essas causas estarem associadas ao funcionamento da escola, não sendo muito expressiva a percentagem dos que associam o referido insucesso à falta de envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos. Foi procurada

ainda conhecer que relação existe entre a origem sociocultural dos pais e as formas de se envolverem na vida da escola, segundo os docentes inquiridos. Os dados analisados parecem indicar que são os pais de nível sociocultural mais próximo ao da escola que mais vezes aí se deslocam, o que poderá indicar que serão estes pais os que, segundo os inquiridos, mais se envolvem na vida escolar dos filhos.

Quanto ao papel que os professores do 1ºCiclo inquiridos, atribuem aos trabalhos de casa na comunicação com as famílias, fica claro que, de facto, esses trabalhos circulam com muita frequência entre a escola e a família, no entanto, apesar de mais de metade dos docentes atribuir aos trabalhos de casa a função de comunicar com a família, isso não parece traduzir-se na prática. É que, os respondentes declaram maioritariamente, preferir explicar de novo o trabalho ao aluno, no caso de este ter tido dificuldades na sua realização, do que envolver os pais nessa tarefa, não aproveitando tal oportunidade para melhorar a comunicação com as famílias, nomeadamente as que mais se afastam culturalmente da escola. Outra questão colocada, foi a de saber que limites deveria ter a participação dos pais na vida da escola, de acordo com a opinião dos inquiridos. Os resultados obtidos, apontam para um consenso alargado à volta da ideia de que a participação dos pais na vida da escola se deverá limitar à colaboração em atividades de apoio ao professor, mostrando-se bastante menos recetivos à ideia da participação dos pais poder englobar a definição das políticas educativas da escola. É ainda de lembrar que dentro das atividades de apoio ao professor, é o envolvimento dos pais em atividades de aprendizagem em casa, aquele que recolhe mais opiniões positivas dos respondentes, tendo em vista o sucesso educativo dos alunos.

Perante estes resultados, a autora desta investigação concluiu que a realidade da relação Escola-Família, pelo menos no âmbito do estudo realizado, parece estar longe do que é desejável, tendo em conta não só a democratização do sistema público de ensino, como também a igualdade de acesso e de sucesso para todos os alunos, ou até a defesa de uma escola multicultural.

Outro estudo, levado a cabo por vários investigadores da Escola Superior de Educação João de Deus, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar e publicado no trabalho de Reis, P. (2009) pretendeu determinar o “Envolvimento Parental na escola e ajustamento emocional e académico na infância – um estudo longitudinal com crianças do 1º ciclo”.

A amostra deste estudo foi constituída por 24 famílias de nível socioeconómico baixo que revelaram um alto envolvimento parental quer na perceção dos pais (dos próprios) quer na perceção dos professores dos filhos uma vez que, de acordo com os autores da

investigação, o nível sócio-económico tem sido apontado na literatura como um dos melhores preditores do envolvimento parental na escola.

Da análise dos resultados obtidos considerou-se que: A totalidade dos pais considera ser muito importante participar na vida escolar dos filhos, e precisam de sentir que a escola e os professores os envolvem; sentem que é uma obrigação natural estarem informados e participarem nas atividades que a escola promove; valorizam e acreditam na escola e reconhecem que o professor tem um papel fundamental; a participação destes pais foi maior no 1º ciclo do que no segundo. Estes pais estão atentos à comunicação da escola com a família (caderneta, circulares, reuniões...); sendo que existe uma maior dificuldade de acesso aos professores no 2º ciclo, o que não permite estabelecer uma relação de proximidade; gostariam que houvesse uma melhor organização entre os professores e as diferentes disciplinas (trabalhos de casa e testes) e, melhor horário das aulas. Ou seja, o maior ou menor envolvimento dos pais passa pelo perfil do professor, sendo determinante a sua capacidade e vontade em facilitar e promover o mesmo, superando os conflitos que possam surgir na relação estabelecida entre os pais e eles.

No estudo desenvolvido por Andrada (2009) intitulado por “Prontidão escolar e stress parental”, desenvolvido com 130 famílias da cidade do Rio do Sul com crianças entre os 5 e os 6 anos de idade, procurou verificar a prontidão escolar das crianças e o stress dos pais destas crianças.

Dos resultados obtidos, verificou-se a existência de relação estatisticamente significativa entre os níveis de stress global, a prontidão escolar e o número de filhos, ou seja, quanto maior são os níveis de stress global, menor é o número de filhos e nas famílias que têm menor número de filhos, as crianças tendem a ter uma maior prontidão escolar.

Outro estudo, desenvolvido por Carvalho e Burity (2006), na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil, sob o título “Dever de casa: Visões de mães e professoras” foi desenvolvido em três escolas estaduais e três escolas municipais. Foi um estudo descritivo-qualitativo, composto por 42 entrevistas semiestruturadas, abordando aspetos sociodemográficos e a experiência dos trabalhos para casa.

Das conclusões retiradas deste estudo, salientam-se que os trabalhos para casa são concebidos tanto como uma atividade que requer pelo menos supervisão dos pais, quanto como uma tarefa que deve ser realizada com autonomia. As professoras sentem-se frustradas quando as crianças não trazem os trabalhos para casa feitos e reclamam da falta de cooperação dos pais, que se sentem frustrados quando os seus filhos não sabem fazer os trabalhos e eles não têm tempo ou conhecimentos para ajudar — pensam que a criança não aprendeu porque

não esteve atenta nas aulas ou que a professora não ensinou bem ou passou trabalhos inadequados. Outra conclusão retirada é a de que as mães com pouco capital cultural e escolar não estão aptas a avaliarem a adequação pedagógica dos trabalhos para casa, e assim ou convivem com o conflito entre culparem-se e culparem o/a filho/a, ou desligam-se.

Outro estudo, desenvolvido por Costa (2011), na sua tese de mestrado na área de especialização de clínica e da saúde, intitulado “Indutores do Stress Parental”, foi desenvolvido com o objetivo de avaliar o stress parental, tendo em conta as características das crianças e dos proenitores, bem como avaliar o stress de vida de modo a perceber quais as possíveis causas do aparecimento do stress parental. É um estudo exploratório do stress parental, com uma metodologia quantitativa e descritiva, com uma amostra selecionada por conveniência, de 70 figuras parentais. Utilizaram-se como métodos, o questionário sócio demográfico e o Índice de Stress Parental (PSI) de Abidin & Santos (2003).

De acordo com o primeiro objetivo do estudo, pretendia-se verificar se o stress parental varia em função do género dos pais e através da análise dos resultados verificou-se que essa relação não é significativa, ou seja, tanto o pai como a mãe vivenciam da mesma forma o stress relacionado com os seus filhos, devido à homogeneidade de papéis entre as figuras parentais, em que ambos os pais participam ativamente na educação da criança.

Em relação ao segundo objetivo do estudo, em que se procurava perceber se a idade da figura parental tem influência no stress parental, não foi verificada relação entre estes dois fatores, contrariamente ao estudo apresentado por Moreira (2010, citado por Costa, 2011). No entanto a média de idades dos pais deste estudo situava-se na faixa etária dos 30 anos, sendo talvez muito equilibrada para poder ir de encontro aos resultados de Moreira (2010).

Na análise do terceiro objetivo, pretendia-se perceber se um maior stress de vida pressupõe um maior stress parental, e neste estudo revelou-se a existência de uma relação entre ambos, ou seja, existe uma correlação positiva entre as variáveis, o que prediz que quando o stress de vida aumenta, também o stress parental aumenta.

O quarto objetivo pretendia avaliar a não variabilidade do stress parental em função da idade da criança, o que neste estudo foi constatado, revelando que o stress parental parece não variar em função da idade da criança e tendo em conta que a amostra foi constituída por crianças entre os quatro e os dez anos, permitiu uma margem significativa para poder tirar conclusões produtivas neste estudo.

Por fim, o quinto objetivo deste estudo pretendia avaliar se o stress parental pode variar conforme o ano de escolaridade em que a criança se encontra, e verificou-se na análise dos resultados a inexistência de relação entre estes dois fatores, ou seja, o stress parental

mantêm-se independentemente da criança frequentar o pré-escolar, o primeiro ciclo ou quando está a entrar para o segundo ciclo.

Em suma, através dos dados recolhidos, foi possível verificar que o stress parental não apresenta diferenças significativas em função do género dos pais, a idade das figuras parentais não afeta o stress parental, quanto maior for o stress da vida maior será o stress parental, a idade da criança não é um fator influente no stress parental, e o ano escolar frequentado pela criança, não faz variar o stress parental.

Um outro estudo desenvolvido por Lopes, Catarino e Dixe (2010), intitulado “Estratégias de coping no exercício da parentalidade e a sua relação com os fatores Sociodemográficos”, teve como principal objetivo a identificação das estratégias de coping no exercício da parentalidade a verificação se estas diferem em função de variáveis sociodemográficas. Foi concretizado utilizando um método correlacional com uma amostra acidental de 75 cuidadores de crianças até 3 anos de idade. A informação, recolhida por questionário, foi agrupada em estratégias focalizadas no problema, na emoção e procura de suporte.

Dos dados recolhidos, foi possível verificar que no exercício da parentalidade nos primeiros 3 anos de vida da criança os pais têm situações difíceis para as quais adotam estratégias de coping. As estratégias de procura de suporte são utilizadas por grande percentagem de pais e os profissionais de saúde são os mais procurados. Os pais de filhos únicos, os pais empregados e os pais que vivem na vila e na aldeia adotam mais a estratégia de procura de suporte. Os dados evidenciam que os profissionais de saúde têm de estar capacitados para o desafio pois são um recurso de coping para os pais e têm o dever de planear ações educativas para os capacitar na adoção das estratégias de coping, sobretudo nos pais de filhos únicos.

Outro estudo desenvolvido por Duchovic, Gerkenmeyer, & Wu, (2009), intitulado “Factors Associated with Parental Distress” teve como ponto de partida a associação entre a perceção de suporte social, o auto controlo e o stress parental em pais/cuidadores de crianças com problemas comportamentais.

Este estudo foi desenvolvido com 155 cuidadores primários de crianças entre os dois e os dezanove anos de idade que recebiam apoio psicológico em centros comunitários, através de um questionário que foi respondido tanto de modo presencial como telefónico ou via e-mail. Esta amostra foi encaminhada por enfermeiras dos centros comunitários de saúde mental, por uma psicóloga de uma clínica psiquiátrica infantil e teve também alguns participantes voluntários.

De acordo com os resultados obtidos, verificou-se que os pais com mais elevados níveis de percepção de auto controlo possuem maiores aumentos de stress subjetivo quando se verifica um aumento dos problemas comportamentais internos dos filhos. Por outro lado, nos pais com mais baixos níveis de percepção de auto controlo, o stress subjetivo não aumenta tão drasticamente perante o aumento dos problemas comportamentais internos dos filhos.

Neste estudo pode verificar-se que tanto os problemas comportamentais internos como os externos das crianças estão significativamente associados ao stress parental, tendo os problemas comportamentais externos maior relação com o aumento do stress parental, o que permite refletir sobre a quantidade de energia despendida pelos pais, que procuram cuidar e proteger os seus filhos, que são considerados vulneráveis e emocionalmente frágeis. Outra das considerações retiradas neste estudo refere-se a facultar estratégias de intervenção adequadas e suporte social, o que permitiria aos pais transformar momentos de crise em situações mais facilmente solucionáveis.

Por fim, no estudo desenvolvido por Barnett e Gareis (2006) sob o título “Parental After-School Stress and Psychological Well-Being”, com 243 pais recrutados de um grupo de pais de uma corporação de serviços financeiros, foram aplicados dois questionários à amostra selecionada com o objetivo de perceber a existência de relação entre o stress parental depois das aulas e o bem-estar psicológico.

O questionário referente à parte do bem-estar psicológico foi constituído por 10 itens relacionados com sentimentos que deveriam ser respondidos numa escala de 1 (nunca) a 5 (sempre), tal como o questionário referente ao stress parental depois das aulas, no entanto neste último as questões estavam relacionadas com as atividades das crianças depois da escola, incluindo temas como segurança, percurso escola-casa, uso produtivo do tempo, entre outros, sendo constituído por uma escala de 1 (nunca) a 4 (extremamente), para avaliar o nível de preocupação dos pais.

Dos resultados obtidos, destaca-se a conclusão de que o stress parental depois da escola está relacionado com um baixo nível de bem-estar psicológico e que os pais que trabalham a tempo inteiro apresentam maiores níveis de stress parental depois da escola que os pais que trabalham em part-time.

PARTE II – CONTRIBUIÇÃO PESSOAL

1. Materiais e Métodos

A investigação é, segundo Fortin (2009), um estudo de fenómenos que permite a obtenção de conhecimentos na área onde se elabora e verifica esse estudo. É um processo através do qual se obtêm conhecimentos específicos que permitirão a introdução de mudança nos meios onde se apresentam os problemas.

Os métodos de investigação podem ser, de acordo com o mesmo autor, qualitativos ou quantitativos, sendo que os primeiros permitem a descrição ou interpretação do objeto de estudo, facilitando a compreensão do investigador sobre o mesmo. Por outro lado, o método quantitativo implica a recolha de dados concretos e objetivos, permitindo a generalização dos dados obtidos na investigação após um processo que se inicia com a definição de um problema. Esta definição de um problema consiste, para Fortin (2009, p.39), em “(...) desenvolver uma ideia através de uma progressão lógica de opiniões, de argumentos e de factos relativos ao estudo que se deseja empreender”.

Método é considerado um termo específico referente à recolha e análise de informações que permitam a verificação das hipóteses de investigação. De acordo com Quivy & Campenhaut (1998, p.187), um método é considerado um procedimento especializado, uma vez que, “no âmbito da aplicação prática (...) podem ser utilizadas técnicas específicas, como por exemplo, as técnicas de amostragem”.

O presente capítulo pretende fazer uma exposição do conjunto dos procedimentos adotados para a concretização do estudo de investigação referente à dissertação de mestrado sob o tema: Fatores Preditivos do Stress Parental.

Este capítulo encontra-se dividido em seis subcapítulos: (1.1.) o tipo de estudo, onde se descreve o tipo de estudo adotado no âmbito do projeto; (1.2) os objetivos da investigação; (1.3.) as questões da investigação; e (1.4.) as hipóteses. Segue-se a caracterização da população e amostra (1.5.), a descrição dos instrumentos de recolha de dados (1.6.), onde se procede à descrição da forma como os mesmos foram aplicados, os procedimentos formais e éticos (1.7.) e por fim a análise estatística (1.8.), onde se expõem os resultados obtidos através dos dados recolhidos.

1.1. Tipo de Estudo

O tipo de estudo corresponde à estrutura da investigação, uma vez que é através da escolha do tipo de estudo que o investigador poderá obter respostas para as suas hipóteses.

O estudo apresentado caracteriza-se como um estudo transversal e correlacional. É um estudo transversal pois, de acordo com Fortin (2009), tem como objetivo estudar o efeito de um ou mais fatores e a recolha de dados será feita num único momento.

É também um estudo correlacional uma vez que, segundo o mesmo autor, procura determinar a relação entre as variáveis, ou seja, partindo das hipóteses propostas, vai permitir uma explicação sobre a forma como as mesmas se relacionam, permitindo uma exploração da natureza das relações, das suas causas e da eficácia das mesmas através da elaboração de comparações.

1.2. Objetivos da Investigação

Os objetivos de uma investigação em ciências sociais prendem-se essencialmente com a estruturação de um projeto e a sua concretização de forma coerente e eficaz. Trata-se de um processo sistemático e controlado que pretende a obtenção de respostas para as hipóteses formuladas.

De acordo com Quivy & Campenhaut (1998) a investigação social corresponde a um percurso, no qual o investigador deverá conseguir conceber e colocar em prática um método de trabalho e tendo como base muitos outros métodos e técnicas de investigação existentes, conseguir adaptá-los corretamente ao seu projeto.

Nesta investigação, temos como principais objetivos:

1. Conhecer as características sociodemográficas e laborais dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros;
2. Conhecer as características sociodemográficas e escolares das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros.
3. Avaliar o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros.
4. Determinar a relação existente entre o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros e algumas características sociodemográficas e laborais.

5. Determinar a relação existente entre o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros e algumas características sociodemográficas e escolares das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros.

1.3. Questões da Investigação

As questões de investigação devem ser explícitas e direcionadas ao assunto que se pretende estudar, devendo para tal ser interrogativas e claras (Fortin, 2009).

Estas questões, para além de serem mais específicas que os objetivos, podem ser formuladas a partir destes, devendo, no entanto, produzirem questões concretas e claras em relação ao tema da investigação.

Neste estudo foram definidas as seguintes questões de investigação:

1. Quais são as características sociodemográficas e laborais dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros?
2. Quais são as características sociodemográficas e escolares das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros?
3. Qual é o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros?
4. Qual é a relação existente entre o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros e algumas características sociodemográficas e laborais?
5. Qual é a relação existente entre o nível de stress parental dos pais e algumas características sociodemográficas e escolares das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros?

1.4. Hipóteses

As hipóteses constituem a base de qualquer estudo uma vez que preveem a relação entre dois conceitos. As hipóteses comportam sempre pressuposições que necessitam de verificação, sendo desta forma suposições formuladas a partir do tema em estudo.

De acordo com Quivy & Campenhaut, (1998, p.137), uma hipótese “deve indicar, direta ou indiretamente, o tipo de observações a recolher, bem como as relações a verificar

entre estas observações, para averiguar em que medida a hipótese é confirmada ou infirmada pelos factos”.

Segundo Fortin (2009), existem quatro categorias de hipóteses: a hipótese simples ou complexa, a hipótese direcional ou não direcional, a hipótese de associação ou de causalidade e a hipótese estatística ou de investigação.

De acordo com o exposto, neste estudo foram estabelecidas hipóteses complexas e não direcionais uma vez que pressupõem a existência de uma relação entre duas ou mais variáveis, mas não estabelecem direção nessa mesma relação. Para este estudo foram definidas as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Existem diferenças estatisticamente significativas entre o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros e algumas características sociodemográficas (idade, sexo, estado civil), laborais (rendimento mensal) e de apoio aos filhos.

Hipótese 2: Existem diferenças estatisticamente significativas entre o nível de stress parental dos pais e algumas características sociodemográficas (existência de irmãos) e escolares (frequência de trabalhos para casa) das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros.

1.5. População e Amostra

A população representa a totalidade dos elementos que possuem características comuns e é deste conjunto que se vão seleccionar alguns elementos para estudar, que serão considerados a amostra. Segundo Quivy & Campenhaut (1998), a análise destes itens pode ser feita de três diferentes formas: o estudo da população na sua totalidade; o estudo de uma amostra representativa da população ou o estudo de componentes não estritamente representativas, mas características da população. Tendo em conta a dimensão da população do nosso estudo, pareceu-nos mais adequado o estudo de uma amostra da população alvo.

Outra dimensão importante a ter em conta é a delimitação do tamanho da amostra, que de acordo com Fortin (2009, p.211) “é uma etapa de decisão importante para qualquer investigação, e que não existe fórmula simples para determinar o tamanho da amostra. (...) O objetivo do investigador é obter uma amostra suficientemente grande para detetar diferenças estatísticas (...)”.

Também segundo Fortin (2009), existem duas grandes categorias de amostras: as amostras probabilísticas e as amostras não probabilísticas. Dentro das probabilísticas existem a amostragem simples aleatória (onde todos os elementos da população possuem a mesma probabilidade de integrar a amostra), a amostragem aleatória estratificada (consiste em dividir a população em subgrupos/estratos e retirar de forma aleatória uma pequena amostra de cada estrato), a amostragem em cachos (é feita uma seleção de vários elementos da população e não de elementos individualmente) e a amostragem sistemática (utilizada quando existe uma lista ordenada de todos os elementos da população e após determinar o intervalo, são selecionados todos os elementos de acordo com o seu número ou posição na lista). Relativamente às amostragens não probabilísticas, estas incluem a amostragem acidental (são selecionados como amostra os primeiros elementos acessíveis no local da recolha da amostra), a amostragem por quotas (consistem em determinar estratos da população com base em determinadas características de modo a que a amostra recolhida represente nas mesmas proporções as características da população), a amostragem por seleção racional (onde a amostra é selecionada de acordo com uma determinada característica comum) e a amostragem por redes (que determina o processo de seleção da amostra com base nas redes sociais, possuindo assim os elementos da amostra características comuns).

No presente estudo, para a seleção da amostra foi utilizado o método não probabilístico de amostragem acidental. A nossa amostra é assim constituída por 50 encarregados de educação de crianças que frequentem o 2º ciclo do Colégio João de Barros e de 50 crianças, filhos dos encarregados de educação.

Tendo em conta a possibilidade de interferência de inúmeras variáveis neste estudo, seleccionámos a amostra com base em critérios de inclusão relativos aos encarregados de educação:

- Ser Encarregado de Educação de pelo menos 1 criança a frequentar o 2º ciclo do Colégio João de Barros.
- Estar a desempenhar funções profissionais (empregado).
- Participar voluntariamente na investigação.
- Ter capacidade de responder de forma escrita ou oral ao instrumento de avaliação.

A amostra referente às crianças participantes neste estudo serão os educandos destes mesmos encarregados de educação que autorizarem os seus educando a participar no estudo.

1.6. Instrumento de Recolha de Dados

Neste estudo foram definidos dois grupos de amostra, conforme referido anteriormente, e para cada grupo foi utilizado um instrumento distinto de recolha de dados.

- **Grupo de crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros**

Para o grupo de crianças do segundo ciclo, pareceu-nos adequado utilizar o questionário, preferencialmente de resposta estruturada, porque nos interessa: “O conhecimento de uma população enquanto tal: as suas condições e modos de vida, os seus comportamentos, os seus valores ou as suas opiniões” (Quivy & Campenhautd, 1998, p.189).

Por outro lado, este método deu-nos a “possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação.” (Quivy & Campenhautd, 1998, p.189).

Apesar de julgarmos adequada a escolha do inquérito por questionário para recolhermos os dados que servirão de suporte à nossa pesquisa empírica, tivemos em conta que este instrumento, para além de vantagens, possui também alguns limites e problemas, como sejam os referidos por (Quivy & Campenhautd 1998, p.189): “A superficialidade das respostas que não permitem a análise de certos processos (...); A individualização dos entrevistados, que são considerados independentemente das suas redes de relações sociais; e o carácter relativamente frágil da credibilidade do dispositivo”.

Para que o nosso estudo possa ser minimamente credível, procurámos respeitar as condições que os referidos autores apontam como essenciais, como “o rigor na escolha da amostra, formulação clara e unívoca das perguntas, correspondência entre o universo de referência das perguntas e o universo de referência do entrevistado, atmosfera de confiança no momento de administração do questionário, honestidade e consciência profissional dos entrevistadores. Se qualquer destas condições não for corretamente preenchida, a credibilidade do conjunto do trabalho resente-se” (Quivy & Campenhautd, 1998, p.190).

O questionário sociodemográfico e escolar dos alunos abrange questões relacionadas com a idade, o sexo, existência e número de irmãos, o horário de entrada, de almoço e de permanência na escola, a disciplina preferida, o tempo utilizado para brincar, a frequência de atividades extra curriculares e tempo utilizado semanalmente com as mesmas, a frequência com que trazem trabalhos para casa, quanto tempo despendem a executá-los, as dificuldades que têm em fazer os trabalhos para casa se pensam terem melhores notas se os fizerem, se têm

ajuda a fazê-los e se consideram ter muitos trabalhos para casa. Na construção deste questionário foram utilizadas cinco questões de resposta fechada de escolha múltipla, uma vez que estas apresentam um conjunto de respostas possíveis, permitindo mais facilmente a codificação das respostas e tratamento dos dados recolhidos e catorze questões de resposta aberta, que permitem a obtenção de respostas mais específicas e abrangentes, tendo em conta as características sociais e escolares de cada criança.

As questões constantes neste questionário permitiram avaliar as características sociais e escolares das crianças, mais concretamente determinar o tempo despendido pelas crianças nas atividades curriculares e extracurriculares e o seu nível de autonomia no desempenho dessas mesmas atividades.

- **Grupo de pais de crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros.**

Para o grupo de pais de crianças que frequentam o segundo ciclo, foi aplicado um questionário sociodemográfico e laboral que pretendia avaliar as características sociais e laborais dos encarregados de educação das crianças, composto pelas seguintes questões: idade, sexo, estado civil, nível de escolaridade, profissão e número de horas de trabalho diário, rendimento mensal, tempo despendido diariamente com o seu filho e ajuda na execução dos trabalhos de casa do filho. Numa segunda parte, que responde apenas os encarregados de educação que acompanham a execução dos trabalhos para casa dos filhos, são colocadas afirmações como a utilidade dos trabalhos para casa, o seu contributo para a harmonia familiar, se estes retiram tempo para a comunicação e interação familiar, os trabalhos para casa são fonte de conflito familiar, o gosto do filho pela execução dos mesmos, o volume de trabalhos para casa dos filhos são adequados, e se a aprendizagem deveria ser feita exclusivamente na escola. A estas afirmações pretende-se que o encarregado de educação responda entre “Discordo Totalmente”, “Discordo”, “Indeciso”, “Concordo” ou “Concordo Totalmente”, tendo em conta a concordância com as afirmações enunciadas e segundo uma escala do tipo Likert. Este tipo de escala é considerada, de acordo com Fortin (2009), uma escala “aditiva”, onde é pedido aos sujeitos que indiquem o nível de acordo ou desacordo relativamente a uma questão, podendo estes escolher uma entre cinco possíveis respostas.

Para a construção deste questionário foram utilizadas questões mistas, uma vez que este possui questões de resposta fechada e questões de resposta aberta. Os vários tipos de questões

utilizados foram adequados aos dados que pretendíamos obter, permitindo uma análise dos resultados mais rápida.

Para além do Questionário Sócio Demográfico do Encarregado de Educação, foi também aplicada a Escala de Stress Parental de Maria de Lurdes Mixão, Isabel Leal e João Maroco (Anexo II). Esta Escala foi desenvolvida a partir da “Parental Stress Scale” (PSS) de J.O. Berry & W.H. Jones (1995) e é constituída por 17 itens de Likert. Segundo Fortin (2009), a Escala de Likert corresponde à utilização de dois ou mais valores consecutivos passíveis de equivalência e interpretação. Nesta escala específica, pretende fazer-se a medida de Stress experimentado pelos pais, tendo como base questões que envolvem a proximidade dos pais com as crianças, a satisfação no seu desempenho do papel de pais, emoções positivas e negativas relacionadas com a parentalidade e dificuldades associadas a esse mesmo papel.

Tendo por base a relação com seu filho, o encarregado de educação será levado a responder nesta escala, a concordância ou discordância de cada um dos 17 itens, assinalando numa escala de cinco possibilidades: Discordo Totalmente, Discordo, Indeciso, Concordo, Concordo Totalmente.

Esta Escala foi desenvolvida para poder ser aplicada tanto ao pai como à mãe da criança, no entanto para esta investigação parece-nos mais adequado que seja preenchida pelo encarregado de educação uma vez que este assume nessa posição a responsabilidade pela educação e acompanhamento da mesma junto da escola relativamente ao seu filho.

No seu estudo original, o Alfa de Cronbach foi de 0,83, e o coeficiente de teste - reteste de 0,81 para um período de 6 semanas. Relativamente à validade da escala, esta demonstrou uma convergência satisfatória com várias medidas de stress, emoção, satisfação com o papel pai/mãe, incluindo percepção de stress, stress trabalho/família, solidão, ansiedade, culpa, empenho e satisfação marital, satisfação no trabalho, e suporte social (Touliatos, Permuter, Holden, 2001, citados por Leal & Maroco, 2010).

A amostra de validação utilizada neste estudo foi composta por 416 sujeitos, seleccionados por conveniência e voluntários, dos quais 312 (75%) foram mães de crianças que recorreram ao serviço urgência de pediatria do Hospital Santa Maria, 37 (8,9%) foram pais e 67 (16,1%) foram ambos os progenitores (pai e mãe). Estes pais são, na sua maioria (86,7%) caucasianos e de nacionalidade portuguesa (96,6%).

Em relação à validade fatorial da escala, esta foi avaliada através da Análise Fatorial Exploratória (AFE) ($KMO=0,79$) sobre a matriz das correlações, com extração dos fatores pelo método dos componentes principais, seguida de uma rotação Varimax. Para estudar a validade fatorial da ESP recorreu-se a uma estratégia exploratória, e não confirmatória, uma

vez que a estrutura fatorial original dos autores não contemplava todos os itens presentes na escala, nomeadamente os itens 2 e 4. Os fatores retidos foram os que apresentavam um *eigenvalue* superior a 1, em consonância com o *Scree Plot* e a percentagem de variância retida.

A Estrutura da Escala de Stress Parental apresenta-se dividida em 4 fatores: o Fator 1 corresponde à dimensão das Preocupações Parentais e é composto pelos itens 9,10,11,12 e 13. O Fator 2 corresponde à dimensão Satisfação e é composto pelos itens 2,5,6,7,8 e 18. O Fator 3 corresponde à dimensão Falta de Controlo e engloba os itens 1,14,15,16 e 17, por fim, o Fator 4 corresponde à dimensão Medos e Angústias e é composto pelos itens 3 e 4.

Relativamente à consistência interna da escala de stress Parental, constituída pelos 18 itens, foi avaliada pelo α de Cronbach. O valor de α obtido na amostra foi de 0,76, indicando uma consistência aceitável para estudos de natureza exploratória.

Para a cotação da escala, os itens são pontuados de acordo com os níveis de stress ou sentimentos negativos, pelo que os 7 itens formulados na positiva devem ser invertidos. Assim, os itens 1,2,5,6,7,8,17 e 18 devem ser invertidos aquando da sua pontuação. O somatório da escala pode variar entre os 18 e os 90, em que valores elevados indicam níveis de stress parental elevados. Apesar de não possuírem referências de linha de corte do estudo original, os autores desta Escala categorizaram os resultados em 3 intervalos: O intervalo de 18 a 40 corresponde á categoria de baixos níveis de stresse parental, o intervalo de 43 a 66 à de níveis intermédios de stress parental e o intervalo de 67 a 90 à categoria de elevados níveis de stress parental.

1.7. Procedimentos formais e éticos

Todas as investigações aplicadas a seres humanos levantam questões de natureza ética e moral. Tendo em conta esta importante problemática, de acordo com Fortin (2009, p.116) “ (...) cinco princípios ou direitos fundamentais aplicáveis aos seres humanos foram determinados pelos códigos de ética: o direito à autodeterminação, o direito à intimidade, o direito ao anonimato e à confidencialidade, o direito à proteção contra o desconforto e o prejuízo e, por fim, o direito a um tratamento justo e leal.”

Tendo por base estes princípios estabelecidos, foi remetido um pedido para a entrega dos questionários aos encarregados de educação e respetivos educandos ao Diretor do Colégio João de Barros (Anexo I), onde são expostos os objetivos da investigação e dos instrumentos

de recolha de dados, bem como assegurada a confidencialidade dos mesmos, tendo este pedido sido autorizado oralmente.

Nos questionários entregues aos participantes do estudo (Anexo II), foi também entregue um esclarecimento acerca dos objetivos do estudo, garantindo toda a confidencialidade e anonimato das informações recolhidas e um pedido de consentimento informado onde os encarregados de educação poderão consentir a utilização das informações recolhidas para análise única e exclusiva desta mesma investigação, com total garantia de confidencialidade e anonimato das respostas obtidas.

Em relação à Escala de Stress Parental utilizada, a mesma encontra-se publicada para utilização livre, pelo que não foi necessária autorização específica. A recolha dos dados foi efetuada no mês de abril de 2012.

1.8 Análise estatística

De acordo com Fortin (2009, p.331), “o investigador analisa o conjunto dos resultados e interpreta-os segundo o tipo de estudo e o quadro de referência utilizados, tendo em conta o facto de que visa ou a descrição de um fenómeno ou a exploração e a verificação de relações entre os fenómenos, ou ainda a verificação de hipóteses causais.” Os dados estruturados foram tratados através da estatística descritiva e correlacional, recorrendo ao Programa Statistical Package for Social Sciences 19,0 for Windows (SPSS for Windows).

Para sistematizar as informações recolhidas, foi utilizada a estatística descritiva, mais concretamente as frequências absolutas (n°), as frequências relativas (%), médias (\bar{X}), modas (Mo), medianas (Md), Desvio Padrão (σ), Valor Mínimo ($X_{min.}$) e Valor Máximo ($X_{máx.}$), tendo em conta os dados em análise.

Para analisar os resultados das hipóteses em análise recorreu-se ao teste da normalidade da variável dependente, o stress parental, o que apresentou uma distribuição não normal ($p < 0,05$), determinado o uso de testes estatísticos não paramétricos (Tabela 1).

TABELA 1: Teste da Normalidade (Kolmogorov-Smirnov)

Escala Stress Parental (ESP)	Kolmogorov-Smirnov			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
	0,179	50	0,000	0,941	50	0,015

2. Resultados

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos através da análise estatística dos dados recolhidos, bem como uma análise dos mesmos.

2.1 Análise Descritiva

Neste subcapítulo, iniciaremos a apresentação e análise dos resultados do **questionário sociodemográfico e escolar das crianças**, e neste observamos que a média das idades das crianças que participaram no nosso estudo é de 11,40 anos ($\sigma=0,61$), com um valor mínimo ($X_{\min.}$) de 11 anos e um valor máximo ($X_{\max.}$) de 13 anos de idade (Tabela 2).

TABELA 2: Caracterização da amostra face à idade

Idade	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	N
	11,40	11,00	11,00	0,61	11,00	13,00	50

Observamos que 56,0% (n=28) das crianças que participaram no estudo são do sexo feminino e 44,0% (n=22) das crianças são sexo do masculino, representando uma amostra total de 50 crianças (Tabela 3).

No que concerne à existência de irmãos verificamos que 82,0% (n=41) das crianças referem a existência de irmãos, sendo que 18,0% (9) não têm irmãos. Quanto às crianças que afirmaram ter irmãos, analisa-se que 58,0% (n=29) possuem um irmão e 22,0% (n=11) possuem dois irmãos. Quando questionadas sobre a sua disciplina de eleição, as crianças referiram na sua maioria, 44,0% (22), a disciplina de Educação física, seguida da disciplina de Educação visual e tecnológica correspondendo a 24,0% (n=12) das preferências assinaladas (Tabela 3).

Relativamente à hora de entrada na escola por parte das crianças participantes nesta investigação, verificamos que todas elas, 100,0% (n=50), entram pelas oito horas da manhã (Tabela 3).

TABELA 3: Caracterização da amostra face a dados sociodemográficos e escolares das crianças

Sexo	n°	%
Masculino	22	44,0
Feminino	28	56,0
Total	50	100,0
Existência de Irmãos	n°	%
Sim	41	82,0
Não	9	18,0
Total	50	100,0
Número de Irmãos	n°	%
Um Irmão	29	58,0
Dois Irmãos	11	22,0
Três Irmãos	1	2,0
Não Respondeu	9	18,0
Total	50	100,0
Disciplina de eleição	n°	%
Ciências da natureza	3	6,0
Educação física	22	44,0
Língua Portuguesa	5	10,0
Educação Visual e Tecnológica	12	24,0
Matemática	5	10,0
História	1	2,0
Música	2	4,0
Total	50	100,0
Hora de entrada na escola	n°	%
Oito horas da manhã	3	6,0
Total	50	100,0

Pela análise dos dados referentes à tabela (4), verifica-se que o tempo médio de hora de almoço é de 90 minutos ($\sigma=0,0$). Em média estas crianças estão cerca de 9 horas na escola ($\sigma=0,37$), sendo o valor mínimo ($X_{\min.}$) de 8 horas e o valor máximo ($X_{\max.}$) de 9 horas. Relativamente ao tempo para brincar, em média estas crianças têm cerca de 1,6 hora ($\sigma=0,75$; $Md=1,0$), sendo o valor máximo ($X_{\max.}$) de 3 horas.

TABELA 4: Caracterização da amostra face a dados sociodemográficos e escolares das crianças

Tempo de hora de almoço (minutos)	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	N
	90,0	90,0	90,0	0,0	90,0	90,0	50
Tempo permanência na escola (horas)	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	N
	8,8	9,0	9,0	0,37	8,0	9,0	50
Tempo para brincar (horas)	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	N
	1,6	1,0	1,0	0,75	1,0	3,0	50

Através da análise da tabela 5, observamos que de acordo com a amostra de 50 crianças, 70,0% ($n=35$) das crianças que participaram no estudo frequentam alguma atividade extracurricular e 30,0% ($n=15$) das crianças não frequentam nenhuma atividade extracurricular.

No que concerne a que atividade extracurricular que frequentam, verificamos que 8,0% (n=4) das crianças frequentam Andebol, 16,0% (n=8) frequentam a Dança, 6,0% (n=3) frequentam o Karaté, 10,0% (n=5) frequentam a Natação, 6,0% (n=3) frequentam Música, 14,0% (n=7) praticam Futebol, 2,0% (n=1) frequentam a Ginástica, 6,0% (n=3) frequentam o Inglês, 2,0% (n=1) frequentam a Catequese, sendo que 30,0% (n=15) não respondeu.

Quanto à periodicidade semanal das atividades extracurriculares, verifica-se que 16,0% (n=8) frequentam uma atividade extracurricular 1 vez por semana, 24,0% (n=12) 2 vezes por semana, 26,0% (n=13) frequentam 3 vezes por semana alguma atividade extracurricular, 4,0% (n=2) 4 vezes por semana e 30,0% (n=15) não respondeu a esta questão.

TABELA 5: Caracterização da amostra face a dados escolares das crianças

Frequência atividade extra curricular	n°	%
Sim	35	70,0
Não	15	30,0
Total	50	100,0
Se sim, qual	n°	%
Andebol	4	8,0
Dança	8	16,0
Karaté	3	6,0
Natação	5	10,0
Música	3	6,0
Futebol	7	14,0
Ginástica	1	2,0
Inglês	3	6,0
Catequese	1	2,0
Não Respondeu	15	30,0
Total	50	100,0
Quantas vezes por semana (atividade extra curricular)	n°	%
1 vez por semana	8	16,0
2 vezes por semana	12	24,0
3 vezes por semana	13	26,0
4 vezes por semana	2	4,0
Não Respondeu	15	30,0
Total	50	100,0

Na tabela 6, referente aos dados das crianças relativos aos trabalhos de casa, verifica-se que 88,0% (n=44) das crianças que participaram no estudo trazem trabalhos para casa todos os dias, 10,0% (n=5) trazem trabalhos para casa dia sim, dia não e 2,0% (n=1) das crianças trazem trabalhos para casa 3 vezes por semana, representando uma amostra total de 50 crianças.

No que concerne à classificação da forma como fazem os trabalhos para casa, verificamos que 18,0% (n=9) das crianças referem não ter dificuldades na execução dos trabalhos de casa, 36,0% (n=18) respondem ter poucas dificuldades, 30,0% (n=15) referem ter algumas dificuldades, 14,0% (n=7) responderam ter muitas dificuldades e 2,0% (n=1) referiram não ser capaz de fazer os trabalhos para casa sem ajuda.

Quando questionadas sobre a relação entre a execução dos trabalhos de casa e a obtenção de melhores notas, 20,0% (n=10) referem que o facto de fazer os trabalhos para casa ajuda muito a ter melhores notas, 22,0% (n=11) respondem que ajuda bastante, 20,0% (n=10) referem que é indiferente. Verifica-se ainda que 34,0% (n=17) responderam que ajuda pouco e 4,0% (n=2) referem que a execução dos trabalhos de casa não ajuda nada a ter melhores notas.

Relativamente à existência de alguém que ajude a fazer os trabalhos de casa, quando têm dificuldades, 78,0% (n=39) das crianças inquiridas responderam que sim e 22,0% (n=11) referiram que não. Das crianças que referiram sim, foi-lhes questionado quem as ajudava e 14% (n=7) referiram ambos os pais, 42,0% (n=21) responderam a mãe, 6,0% (n=3) referiram o pai, 4,0% (n=2) referem que o irmão as ajuda quando têm dificuldades na execução dos trabalhos de casa, tal como também 4,0% (n=2) das crianças referiram a irmã e 4,0% (n=2) responderam outras. Da amostra de 50 crianças, 22,0% (n=11) não respondeu a esta questão.

Em relação à forma como as crianças classificam a quantidade de trabalhos para casa, 22,0% (n=11) responderam que consideravam muitos, 36,0% (n=18) referem ser bastantes e 42,0% (n=21) consideram a quantidade de trabalhos para casa razoáveis.

Quando questionados sobre o tempo de demora diária na realização dos trabalhos para casa verifica-se que o tempo médio é de 51,9 minutos, ($\sigma=28,69$), a mediana (Md) de 50,0 e uma moda (Mo) de 60,0 sendo o valor mínimo (Xmin.) de 15 minutos e o valor máximo (Xmáx.) de 120 minutos.

TABELA 6: Caracterização da amostra face a dados escolares das crianças relativo aos trabalhos para casa

Com que frequência trazes trabalhos para casa (TPC)		nº	%				
Todos os dias		44	88,0				
Dia sim, dia não		5	10,0				
3 vezes por semana		1	2,0				
Total		50	100,0				
Como classifica a forma como fazes os trabalhos para casa (TPC)		nº	%				
Não tenho dificuldades		9	18,0				
Tenho poucas dificuldades		18	36,0				
Tenho algumas dificuldades		15	30,0				
Tenho muitas dificuldades		7	14,0				
Não sou capaz de fazer os TPC sem ajuda		1	2,0				
Total		50	100,0				
Achas que fazer os trabalhos para casa (TPC) te ajuda a ter melhores notas		nº	%				
Muito		10	20,0				
Bastante		11	22,0				
Indiferente		10	20,0				
Pouco		17	34,0				
Nada		2	4,0				
Total		50	100,0				
Quando tens dificuldades em fazer os trabalhos para casa (TPC), tens alguém que te ajuda		nº	%				
Sim		39	78,0				
Não		11	22,0				
Total		50	100,0				
Se sim, quem		nº	%				
Pai		7	14,0				
Mãe		21	42,0				
Pai		3	6,0				
Irmão		2	4,0				
Irmã		2	4,0				
Irmãos		2	4,0				
Outras		2	4,0				
Não respondeu		11	22,0				
Total		50	100,0				
Como classificas a quantidade de TPC		nº	%				
Muitos		11	22,0				
Bastantes		18	36,0				
Razoáveis		21	42,0				
Total		50	100,0				
Tempo de demora diária na realização dos TPC (minutos)	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	N
	51,9	50,0	60,0	28,69	15,0	120,0	50

Relativamente aos resultados obtidos através da análise dos **questionários sociodemográficos e laborais dos encarregados de educação**, observamos que a média de idade dos encarregados de educação que participaram no nosso estudo é de 40,18 anos ($\sigma=5,02$), com um valor mínimo ($X_{\min.}$) de 29 anos e um valor máximo ($X_{\max.}$) de 54 anos de idade (Tabela 7).

TABELA 7: Caracterização da amostra face à idade

Idade	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	N
	40,18	40,0	40,0	5,02	29,0	54,0	50

Através da análise da tabela 8, podemos verificar que 14,0% (n=7) dos encarregados de educação que constituíram a nossa amostra são do sexo masculino, sendo 86,0% (n=43) encarregados de educação do sexo feminino.

Em relação ao estado civil dos encarregados de educação, verifica-se que 2,0% (n=1) são solteiros, 82,0% (n=41) responderam Casado/União de Facto, 10,0% (n=5) referiram ser Divorciado/Separado de Facto, e 6,0% (n=3) dos encarregados de educação são viúvos.

No que concerne à escolaridade dos encarregados de educação 8,0% (n=4) responderam que possuem o 1º Ciclo como escolaridade completa, 28,0% (n=14) responderam 2º Ciclo, 42,0% (n=21) referiram ter o 3º ciclo como nível de escolaridade, 18,0% (n=9) responderam Bacharelato/Licenciatura e 4,0% (n=2) possuem Mestrado/Doutoramento como formação académica.

Relativamente à profissão dos encarregados de educação da nossa amostra, verifica-se que 8,0% (n=4) são Empresários, 4,0% (n=2) responderam Assistente Operacional, 4,0% (n=2) referiram serem Auxiliares de Educação, 6,0% (n=3) são professores, 20,0% (n=10) responderam Empregada de Escritório, 12,0% (n=6) são Doméstica e 36,0% (n=18) responderam Outros. A esta questão, 10,0% (n=5) dos encarregados de educação não respondeu.

TABELA 8: Caracterização da amostra face a dados sociodemográficos dos encarregados de educação

Sexo	nº	%
Masculino	7	14,0
Feminino	43	86,0
Total	50	100,0
Estado Civil	nº	%
Solteiro (a)	1	2,0
Casado(a) / união de facto	41	82,0
Divorciado(a) / separado(a) de facto	5	10,0
Viúvo	3	6,0
Total	50	100,0
Escolaridade	nº	%
1º Ciclo	4	8,0
2º Ciclo	14	28,0
3º Ciclo	21	42,0
Bacharelato / Licenciatura	9	18,0
Mestrado / Doutoramento	2	4,0
Total	50	100,0
Profissão	nº	%
Empresário(a)	4	8,0
Assistente operacional	2	4,0
Auxiliar de Educação	2	4,0
Professor(a)	3	6,0
Empregada de Escritório	10	20,0
Doméstica	6	12,0
Outros	18	36,0
Não Respondeu	5	10,0
Total	50	100,0

Na tabela 9, podemos verificar que 4,0% (n=2) dos encarregados de educação da nossa amostra, referem que trabalham diariamente 6 horas, 8,0% (n=4) responderam 7 horas relativamente ao número de horas de trabalho diário, 34,0% (n=17) referiram trabalhar diariamente 8 horas, 38,0% (n=19) responderam trabalhar mais de 8 horas por dia e 16,0% (n=8) dos encarregados de educação não responderam a esta questão.

Em relação á questão que procurava perceber quantas horas dispensam diariamente os encarregados de educação ao(s) seu(s) filho(s), 12,0% (n=6) responderam menos de 1 hora, 18,0% (n=9) dispensam ao(s) seu(s) filho(s) entre 1 hora e 1,30 horas, 22,0% (n=11) referiram dispensar ao(s) seu(s) filho(s) entre 1,30 horas e 2 horas, 12,0% (n=6) responderam entre 2 horas e 2,30 horas e 36% (n=18) dos encarregados de educação dispensam ao(s) seu(s) filho(s) mais de 2,30 horas diariamente.

TABELA 9: Caracterização da amostra face a dados sociodemográficos, laborais e de apoio aos filhos dos encarregados de educação

Horas de trabalho diário	n°	%
6 Horas	2	4,0
7 Horas	4	8,0
8 Horas	17	34,0
Mais de 8 Horas	19	38,0
Não Respondeu	8	16,0
Total	50	100,0
Tempo que dispensa diariamente ao(s) seu filho(s)	n°	%
Menos de 1 hora	6	12,0
Entre 1 hora e 1,30 horas	9	18,0
Entre 1h30 e 2 horas	11	22,0
Entre 2 horas e 2h30	6	12,0
Mais de 2,30 horas	18	36,0
Total	50	100,0

Relativamente à caracterização da amostra face ao apoio aos filhos na realização dos trabalhos de casa pelos encarregados de educação da nossa amostra, podemos verificar através da análise da tabela 10 que 14,0% (n=7) responderam nunca ajudarem o(s) seu(s) filho(s) na realização dos trabalhos de casa, 64,0% (n=32) dos encarregados de educação só ajudam quando o(s) filho(s) pede, 16,0% (n=8) responderam que ajudam sempre a fazer os trabalhos para casa, 2,0% (n=1) referiram que o(s) filho(s) faz os trabalhos para casa sozinho e que só vai confirmar depois, 4,0% (n=2) dos encarregados de educação fazem sempre os trabalhos de casa com o(s) filho(s) e procuram ajudar a esclarecer as dúvidas.

Em relação à afirmação da consideração dos trabalhos para casa muito úteis para a aprendizagem, verifica-se que 8,0% (n=4) dos pais responderam que discordam totalmente, 10,0% (n=5) discordam, 20,0% (n=10) responderam estar indecisos, 42,0% (n=21)

concordam que os trabalhos para casa sejam muito úteis para a aprendizagem, e 20,0% (n=10) referiram concordar totalmente com a afirmação.

Na afirmação da consideração de que os trabalhos para casa promovem a harmonia familiar, verifica-se que 10,0% (n=5) dos pais responderam que discordam totalmente, 40,0% (n=20) discordam, 26,0% (n=13) responderam estar indecisos, 22,0% (n=11) concordam que os trabalhos para casa promovam a harmonia familiar, e 2,0% (n=1) referiram concordar totalmente com a afirmação.

Relativamente à afirmação de que os trabalhos para casa retiram tempo para a comunicação e interação familiar, verifica-se que 2,0% (n=1) dos pais responderam que discordam totalmente, 16,0% (n=8) discordam, 6,0% (n=3) responderam estar indecisos, 62,0% (n=31) concordam que os trabalhos para casa retiram tempo para a comunicação e interação familiar, e 14,0% (n=7) referiram concordar totalmente com a afirmação.

Em relação à afirmação de que os trabalhos para casa são fonte de conflito familiar, verifica-se que 12,0% (n=6) dos pais responderam que discordam totalmente, 18,0% (n=9) discordam, 18,0% (n=9) responderam estar indecisos, 30,0% (n=15) concordam que os trabalhos para casa sejam fonte de conflito familiar, e 22,0% (n=11) referiram concordar totalmente com a afirmação.

No que diz respeito à afirmação acerca do seu filho gostar de fazer os trabalhos para casa, verifica-se que 20,0% (n=10) dos pais responderam que discordam totalmente, 44,0% (n=22) discordam, 16,0% (n=8) responderam estar indecisos, 18,0% (n=9) concordam que o seu filho goste de fazer os trabalhos para casa, e 2,0% (n=1) referiram concordar totalmente com a afirmação.

Relativamente à afirmação de que o volume de trabalhos para casa que o seu filho traz é adequado, verifica-se que 24,0% (n=12) dos pais responderam que discordam totalmente, 28,0% (n=14) discordam, 18,0% (n=9) responderam estar indecisos, 26,0% (n=13) concordam que o volume de trabalhos para casa seja adequado, e 4,0% (n=2) referiram concordar totalmente com a afirmação.

Por fim, na última afirmação de que pensa que a aprendizagem deva ser feita exclusivamente na escola, deixando tempo e espaço para promover a interação familiar, verifica-se que 2,0% (n=1) dos pais responderam que discordam totalmente, 24,0% (n=12) discordam, 16,0% (n=8) responderam estar indecisos, 28,0% (n=14) concordam que a aprendizagem deva ser feita exclusivamente na escola, e 30,0% (n=15) referiram concordar totalmente com a afirmação.

TABELA 10: Caracterização da amostra face ao apoio aos filhos na realização dos trabalhos de casa pelos encarregados de educação

Ajuda os seus filhos na execução dos trabalhos para casa (TPC)	nº	%
Nunca ajudo a fazer os TPC	7	14,0
Só quando ele me pede ajuda	32	64,0
Ajudo sempre a fazer os TPC	8	16,0
O meu filho faz os TPC sozinho e eu só vou confirmar depois	1	2,0
Faço sempre os TPC com ele e procuro ajudar a esclarecer as dúvidas	2	4,0
Total	50	100,0
Considero os trabalhos para casa (TPC) muito úteis para a aprendizagem	nº	%
Discordo totalmente	4	8,0
Discordo	5	10,0
Indeciso	10	20,0
Concordo	21	42,0
Concordo totalmente	10	20,0
Total	50	100,0
Considero que os trabalhos para casa (TPC) promovem a harmonia familiar	nº	%
Discordo totalmente	5	10,0
Discordo	20	40,0
Indeciso	13	26,0
Concordo	11	22,0
Concordo totalmente	1	2,0
Total	50	100,0
Os trabalhos para casa (TPC) retiram tempo para a comunicação e interação familiar	nº	%
Discordo totalmente	1	2,0
Discordo	8	16,0
Indeciso	3	6,0
Concordo	31	62,0
Concordo totalmente	7	14,0
Total	50	100,0
Os trabalhos para casa (TPC) são fonte de conflito familiar	nº	%
Discordo totalmente	6	12,0
Discordo	9	18,0
Indeciso	9	18,0
Concordo	15	30,0
Concordo totalmente	11	22,0
Total	50	100,0
O meu filho gosta de fazer os trabalhos para casa (TPC)	nº	%
Discordo totalmente	10	20,0
Discordo	22	44,0
Indeciso	8	16,0
Concordo	9	18,0
Concordo totalmente	1	2,0
Total	50	100,0
O volume de trabalhos para casa (TPC) que o meu filho traz é adequado	nº	%
Discordo totalmente	12	24,0
Discordo	14	28,0
Indeciso	9	18,0
Concordo	13	26,0
Concordo totalmente	2	4,0
Total	50	100,0
Penso que a aprendizagem deve ser feita exclusivamente na escola, deixando tempo e espaço para promover a interação familiar	nº	%
Discordo totalmente	1	2,0
Discordo	12	24,0
Indeciso	8	16,0
Concordo	14	28,0
Concordo totalmente	15	30,0
Total	50	100,0

Em relação à **escala de stress parental** (Tabela 11) aplicada aos encarregados de educação que participaram no estudo, e tendo em conta os valores balizados no processo de validação do instrumento, constatamos que o nível médio de stress parental é baixo, já que o

valor médio obtido é de 38,58 ($\sigma=5,55$), o valor mínimo encontrado (X_{\min}) foi de 27,00 e o valor máximo de 58,00.

A análise da cada uma das dimensões que constituem a escala, permite-nos dizer, que face à dimensão ‘*Preocupações Parentais*’ a média obtida é de 11,16 ($\sigma=3,65$), sendo inferior ao valor médio ($X_{\text{med.}}=15$), o que indica um baixo nível de preocupações parentais. Para a dimensão ‘*Satisfação*’ observamos que o valor médio obtido é de 8,94 ($\sigma=1,37$), sendo inferior ao valor médio ($X_{\text{med.}}=18$), o que evidencia um baixo nível de satisfação parental. Em relação à dimensão ‘*Falta de Controlo*’, o valor médio obtido é de 10,68 ($\sigma=1,80$), sendo o valor obtido também inferior ao valor médio para esta dimensão ($X_{\text{med.}}=15$) o que realça que os encarregados de educação que participaram neste estudo não percecionam no seu desempenho enquanto pais com falta de controlo. Finalmente para a dimensão ‘*Medos e Angústias*’ o valor médio obtido é de 7,80 ($\sigma=1,56$), sendo este valor superior ao valor médio ($X_{\text{med.}}=6$), o que nos permite dizer que os encarregados de educação que fizeram parte do estudo têm um nível ligeiramente elevado de medos e angústias.

TABELA 11: Caracterização da amostra face ao Stress Parental

Dimensões Escala de Stress Parental (ESP)	Média (\bar{X})	Mediana (Md)	Moda (Mo)	Desvio Padrão (σ)	Valor Mínimo ($X_{\min.}$)	Valor Máximo ($X_{\max.}$)	N
Preocupações Parentais	11,16	11,00	11,00	3,65	5,00	23,00	50
Satisfação	8,94	9,00	9,00	1,37	6,00	13,00	50
Falta de controlo	10,68	10,00	9,00	1,80	8,00	16,00	50
Medos e Angústias	7,80	8,00	8,00	1,56	3,00	10,00	50
Escala de Stress Parental (ESP)	38,58	39,00	40,00	5,55	27,00	58,00	50

2.2 Análise Inferencial

Neste subcapítulo serão apresentados os resultados obtidos em relação aos testes das hipóteses deste estudo.

Hipótese 1: Existem diferenças estatisticamente significativas entre o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros e algumas características sociodemográficas (idade, sexo, estado civil), laborais (rendimento mensal) e de apoio aos filhos.

Relativamente à correlação entre o **nível de stress parental dos pais das crianças e a idade dos mesmos**, a correlação não é estatisticamente significativa ($\rho=0,079$; $p \leq 0,584$), não se confirmando esta hipótese. Pela análise da tabela 12 verificamos ainda que para as

quatro dimensões que constituem a escala, a relação também não é estatisticamente significativa, sendo que é interessante analisarmos que para a dimensão ‘*Preocupações Parentais*’ a correlação é negativa ($\rho=-0,007$) indicando que conforme a idade dos pais vai aumentando o nível de preocupações parentais tende a diminuir, verificando-se o mesmo para a dimensão ‘*Falta de Controlo*’ ($\rho=-0,017$), em que tendencialmente conforme a idade dos pais vai aumentando, a sua falta de controlo no desempenho parental vai diminuindo.

TABELA 12 : Resultados da aplicação da Correlação de Spearman entre o nível de stress parental e a Idade

Correlação de Spearman entre o nível de stress parental e a Idade	rho	p
Escala Stress Parental (ESP)	0,079	0,584
Preocupações Parentais	-0,007	0,959
Satisfação	0,170	0,239
Falta de controlo	-0,017	0,906
Medos e Angústias	0,137	0,341

No que concerne à possível existência de relação estatisticamente significativa entre o **nível de stress parental e o sexo dos pais das crianças** que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros observa-se que não existem diferenças estatísticas significativas para o total da escala ($U=103,000$; $p\leq 0,182$), no entanto analisa-se pela média de ordens, que são os encarregados de educação do sexo feminino que revelam maiores níveis de stress (média de ordens=26,60) quando comparadas com os encarregados de educação do sexo masculino (média de ordens=18,71). Através da análise da tabela 13 verificamos ainda que na dimensão ‘*Preocupações Parentais*’, os resultados não são estatisticamente significativos ($U=85,000$; $p\leq 0,065$) para a relação entre as preocupações parentais e o sexo dos pais das crianças, sendo que os pais do sexo masculino têm menor nível de preocupações parentais (média de ordens =16,14), comparativamente aos pais do sexo feminino (média de ordens =27,02). Na dimensão “*Satisfação*”, os resultados também não são estatisticamente significativos ($U=148,000$; $p\leq 0,940$), não existindo relação entre a satisfação e o sexo dos pais das crianças, sendo que os pais do sexo masculino (média de ordens =25,86) apresentam um maior nível de satisfação, comparativamente aos pais do sexo feminino (média de ordens =25,44). Na dimensão “*Falta de Controlo*” também não existe relação entre a falta de controlo e o sexo dos pais das crianças uma vez que os resultados não são estatisticamente significativos ($U=149,000$; $p\leq 0,966$), no entanto pode verificar-se que os pais do sexo feminino apresentam um maior nível de falta de controlo (média de ordens =25,53), comparativamente aos pais do sexo masculino (média de ordens =25,29). Por último, na dimensão “*Medos e Angústias*” os

resultados também não são estatisticamente significativos ($U=143,000$; $p\leq 0,826$) no entanto, pode verificar-se que os pais do sexo feminino apresentam um maior nível de medos e angústias (média de ordens =25,67), comparativamente aos pais do sexo masculino (média de ordens =24,43).

TABELA 13: Resultados da aplicação do Teste U de Mann-Whitney entre o nível de stress parental e o sexo dos pais das crianças

	Sexo dos Pais	Nº	Média de Ordens	U	Z	p
Escala Stress Parental (ESP)	Masculino	7	18,71	103,000	-1,336	0,182
	Feminino	43	26,60			
Preocupações Parentais	Masculino	7	16,14	85,000	-1,844	0,065
	Feminino	43	27,02			
Satisfação	Masculino	7	25,86	148,000	-,075	0,940
	Feminino	43	25,44			
Falta de controlo	Masculino	7	25,29	149,000	-,043	0,966
	Feminino	43	25,53			
Medos e Angústias	Masculino	7	24,43	143,000	-,220	0,826
	Feminino	43	25,67			
Total		50				

Relativamente à possível existência de relação estatisticamente significativa entre o **nível de stress parental e o estado civil dos pais das crianças** que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros, de acordo com os dados apresentados na Tabela 14, observa-se que não existem diferenças estatísticas significativas para o total da escala ($\chi^2=0,661$; $p\leq 0,882$), no entanto verifica-se que são os pais viúvos que revelam maiores níveis de stress parental (média de ordens=31,33). Relativamente à dimensão ‘*Preocupações Parentais*’ verifica-se que também não existe relação estatística significativa ($\chi^2=1,943$; $p\leq 0,584$), no entanto constatamos que são os pais solteiros que revelam um maior nível de preocupações parentais (média de ordens=43,00). Na dimensão “*Satisfação*”, também não existe relação estatisticamente significativa ($\chi^2=1,449$; $p\leq 0,694$), verificando-se no entanto um maior nível de satisfação nos pais divorciados/separados (média de ordens=31,70). Relativamente à dimensão “*Falta de Controlo*”, pode constatar-se que os pais viúvos apresentam um maior nível de falta de controlo (média de ordens=36,83), sendo que também não existe relação estatisticamente significativa ($\chi^2=4,077$; $p\leq 0,253$), por fim na análise à dimensão “*Medos e Angústias*” verifica-se igualmente a inexistência de uma relação estatisticamente significativa ($\chi^2=1,789$; $p\leq 0,617$), constatando-se um maior nível de medos e angústias nos pais Divorciado/Separado (média de ordens=27,30) e um menor nível de medos e angústias nos pais Solteiros (média de ordens=7,50).

TABELA 14: Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre o nível de stress parental e o estado civil

	Estado Civil	Nº	Média de Ordens	χ^2	p
Escala Stress Parental (ESP)	Solteiro (a)	1	22,00	0,661	0,882
	União de facto / Casado (a)	41	25,43		
	Divorciado (a) / Separado (a)	5	23,30		
	Viúvo (a)	3	31,33		
Preocupações Parentais	Solteiro (a)	1	43,00	1,943	0,584
	União de facto / Casado (a)	41	25,68		
	Divorciado (a) / Separado (a)	5	21,10		
	Viúvo (a)	3	24,50		
Satisfação	Solteiro (a)	1	28,50	1,449	0,694
	União de facto / Casado (a)	41	24,46		
	Divorciado (a) / Separado (a)	5	31,70		
	Viúvo (a)	3	28,33		
Falta de controlo	Solteiro (a)	1	8,50	4,077	0,253
	União de facto / Casado (a)	41	25,76		
	Divorciado (a) / Separado (a)	5	20,00		
	Viúvo (a)	3	36,83		
Medos e Angústias	Solteiro (a)	1	7,50	1,789	0,617
	União de facto / Casado (a)	41	25,63		
	Divorciado (a) / Separado (a)	5	27,30		
	Viúvo (a)	3	26,67		
Total		50			

No que diz respeito à possível existência de relação estatisticamente significativa entre o **nível de stress parental e o rendimento dos pais das crianças** que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros, tendo em conta os resultados da tabela 15, observa-se que não existem diferenças estatísticas significativas para o total da escala ($\chi^2 = 4,975$; $p \leq 0,290$), no entanto verifica-se que são os pais com maior rendimento (Mais de 1.500,00 euros) que revelam menores níveis de stress parental (média de ordens=7,00). Relativamente à dimensão ‘*Preocupações Parentais*’ verifica-se que existe relação estatística significativa ($\chi^2 = 9,598$; $p \leq 0,048$), sendo que os pais com maior rendimento (Mais de 1.500,00 euros) apresentam menor nível de preocupações parentais (média de ordens=10,00) e os pais com rendimento médio (Entre 750,00 e 999,00 euros) apresentam maior nível de preocupações parentais (média de ordens = 26,33).

Na dimensão “*Satisfação*”, verifica-se que não existe relação estatisticamente significativa ($\chi^2 = 3,885$; $p \leq 0,422$), verificando-se no entanto um maior nível de satisfação nos pais com rendimentos entre os 500,00 e os 749,00 euros (média de ordens=23,36) e um menor nível de satisfação em pais com rendimentos superiores a 1500,00 euros (média de ordens =6,50). Relativamente à dimensão “*Falta de Controlo*”, pode constatar-se que os pais com menor rendimento (Até 499,00 Euros) apresentam um maior nível de falta de controlo (média de ordens=25,00), sendo que também para esta dimensão não existe relação estatisticamente significativa ($\chi^2 = 3,639$; $p \leq 0,457$), por fim na análise à dimensão “*Medos e Angústias*” verifica-se igualmente a inexistência de uma relação estatisticamente significativa ($\chi^2 = 1,720$;

$p \leq 0,787$), constatando-se um maior nível de medos e angústias nos pais com rendimentos entre 500,00 e 749,00 euros (média de ordens=23,29) e também um menor nível de medos e angústias nos pais com rendimentos até 499,00 Euros (média de ordens =17,60).

TABELA 15: Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre o nível de stress parental e o rendimento mensal

	Rendimento Mensal	Nº	Média de Ordens	χ^2	p
Escala Stress Parental (ESP)	Até 499,00€	10	16,75	4,975	0,290
	Entre 500,00 e 749,00€	14	19,29		
	Entre 750,00 e 999,00€	6	26,33		
	Entre 1000 e 1499,00€	9	24,17		
	Mais de 1500,00€	1	7,00		
Preocupações Parentais	Até 499,00€	10	15,20	9,598	0,048*
	Entre 500,00 e 749,00€	14	17,43		
	Entre 750,00 e 999,00€	6	28,67		
	Entre 1000 e 1499,00€	9	26,89		
	Mais de 1500,00€	1	10,00		
Satisfação	Até 499,00€	10	17,45	3,885	0,422
	Entre 500,00 e 749,00€	14	23,36		
	Entre 750,00 e 999,00€	6	22,92		
	Entre 1000 e 1499,00€	9	19,39		
	Mais de 1500,00€	1	6,50		
Falta de controlo	Até 499,00€	10	25,00	3,639	0,457
	Entre 500,00 e 749,00€	14	16,86		
	Entre 750,00 e 999,00€	6	23,67		
	Entre 1000 e 1499,00€	9	19,56		
	Mais de 1500,00€	1	16,00		
Medos e Angustias	Até 499,00€	10	17,60	1,720	0,787
	Entre 500,00 e 749,00€	14	23,29		
	Entre 750,00 e 999,00€	6	19,58		
	Entre 1000 e 1499,00€	9	20,06		
	Mais de 1500,00€	1	20,00		
Total		50			

No que diz respeito à possível existência de relação estatisticamente significativa entre o **nível de stress parental e o tempo dispensado ao filho** que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros, tendo em conta os resultados da tabela 16, observa-se que não existem diferenças estatísticas significativas para o total da escala ($\chi^2 = 5,246$; $p \leq 0,263$), no entanto verifica-se que são os pais que dispensam entre 2h e 2h30 diariamente aos filhos que revelam menores níveis de stress parental (média de ordens=20,17). Relativamente à dimensão ‘*Preocupações Parentais*’ verifica-se que também não existe relação estatística significativa ($\chi^2 = 4,336$; $p \leq 0,362$), sendo que os pais que dispensam diariamente entre 2h e 2h30 apresentam menor nível de preocupações parentais (média de ordens=22,58) e os pais que dispensam entre 1h30 e 2h apresentam maior nível de preocupações parentais (média de ordens = 33,50).

Na dimensão “*Satisfação*”, verifica-se que não existe relação estatisticamente significativa ($\chi^2 = 3,919$; $p \leq 0,417$), verificando-se no entanto um maior nível de satisfação nos pais que dedicam entre 1h e 1h30 diariamente aos seus filhos (média de ordens=32,67) e um

menor nível de satisfação em pais que dispensam aos seus filhos entre 1h30 e 2h (média de ordens =22,41). Relativamente à dimensão “*Falta de Controlo*”, pode constatar-se que os pais que dispensam diariamente aos seus filhos menos de 1 hora apresentam um maior nível de falta de controlo (média de ordens=31,92), existindo uma menor falta de controlo nos pais que dispensam diariamente entre 2h e 2h30 aos seus filhos (média de ordens =18,92), sendo que também não existe relação estatisticamente significativa ($\chi^2 =4,180$; $p \leq 0,382$), por fim na análise à dimensão “*Medos e Angústias*” verifica-se igualmente a inexistência de uma relação estatisticamente significativa ($\chi^2=5,814$; $p \leq 0,213$), constatando-se um maior nível de medos e angústias nos pais que dispensam menos de 1h diária aos seus filhos (média de ordens=30,33) e um menor nível de medos e angústias nos pais que dispensam mais de 2h30 diariamente aos seus filhos (média de ordens =19,28).

TABELA 16: Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre o nível de stress parental e o tempo dispensado ao filho

	Tempo dispensado aos filhos	Nº	Média de Ordens	χ^2	P
Escala Stress Parental (ESP)	Menos de 1 hora	6	29,58	5,246	0,263
	Entre 1 hora e 1,30 horas	9	26,22		
	Entre 1h30 e 2 horas	11	32,36		
	Entre 2 horas e 2h30	6	20,17		
	Mais de 2,30 horas	18	21,36		
Preocupações Parentais	Menos de 1 hora	6	23,50	4,336	0,362
	Entre 1 hora e 1,30 horas	9	22,83		
	Entre 1h30 e 2 horas	11	33,50		
	Entre 2 horas e 2h30	6	22,58		
	Mais de 2,30 horas	18	23,58		
Satisfação	Menos de 1 hora	6	28,42	3,919	0,417
	Entre 1 hora e 1,30 horas	9	32,67		
	Entre 1h30 e 2 horas	11	22,41		
	Entre 2 horas e 2h30	6	24,83		
	Mais de 2,30 horas	18	23,06		
Falta de controlo	Menos de 1 hora	6	31,92	4,180	0,382
	Entre 1 hora e 1,30 horas	9	30,11		
	Entre 1h30 e 2 horas	11	26,41		
	Entre 2 horas e 2h30	6	18,92		
	Mais de 2,30 horas	18	22,69		
Medos e Angustias	Menos de 1 hora	6	30,33	5,814	0,213
	Entre 1 hora e 1,30 horas	9	27,83		
	Entre 1h30 e 2 horas	11	29,68		
	Entre 2 horas e 2h30	6	28,17		
	Mais de 2,30 horas	18	19,28		
Total		50			

Relativamente à possível existência de relação estatisticamente significativa entre o **nível de stress parental e a ajuda ao filho** que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros, tendo em conta os resultados da tabela 17, observa-se que não existem diferenças estatísticas significativas para o total da escala ($\chi^2 =2,127$; $p \leq 0,712$), no entanto verifica-se que são os pais que nunca ajudam os filhos a fazer os trabalhos para casa que revelam menores níveis de stress parental (média de ordens=19,79), sendo os pais que ajudam sempre

os filhos a fazer os trabalhos para casa os que apresentam maiores níveis de stress parental (média de ordens =30,38). Relativamente à dimensão ‘*Preocupações Parentais*’ verifica-se que também não existe relação estatística significativa ($\chi^2 = 5,907$; $p \leq 0,206$), sendo que os pais que nunca ajudam a fazer os trabalhos para casa apresentam menor nível de preocupações parentais (média de ordens=15,50) e os pais dos filhos que fazem os trabalhos de casa sozinhos e que só vão confirmar depois os que apresentam maior nível de preocupações parentais (média de ordens = 33,00).

Na dimensão “*Satisfação*”, verifica-se que não existe relação estatisticamente significativa ($\chi^2 = 1,773$; $p \leq 0,777$), verificando-se no entanto um maior nível de satisfação nos pais que fazem sempre os trabalhos para casa com os filhos e que procuram ajudar a esclarecer as dúvidas (média de ordens=37,25) e um menor nível de satisfação em pais que só ajudam os filhos a fazer os trabalhos para casa se eles pedirem ajuda (média de ordens =24,56). Relativamente à dimensão “*Falta de Controlo*”, pode constatar-se que os pais que ajudam sempre a fazer os trabalhos para casa apresentam um maior nível de falta de controlo (média de ordens=26,69), existindo uma menor falta de controlo nos pais que só vão confirmar depois, sendo os filhos a fazer os trabalhos para casa sozinhos (média de ordens =20,50), sendo que também não existe relação estatisticamente significativa ($\chi^2 = 0,246$; $p \leq 0,993$), por fim na análise à dimensão “*Medos e Angústias*” verifica-se igualmente a inexistência de uma relação estatisticamente significativa ($\chi^2 = 4,040$; $p \leq 0,401$), constatando-se um maior nível de medos e angústias nos pais que só ajudam quando os filhos pedem (média de ordens=27,27) e também um menor nível de medos e angústias nos pais que fazem sempre os trabalhos para casa com os seus filhos e procuram esclarecer as dúvidas (média de ordens =7,50).

TABELA 17: Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre o nível de stress parental e a ajuda ao filho

	Tempo dispensado aos filhos	Nº	Média de Ordens	χ^2	p
Escala Stress Parental (ESP)	Nunca ajudo a fazer os tpc	7	19,79	2,127	0,712
	Só quando ele me pede ajuda	32	25,70		
	Ajudo sempre a fazer os tpc	8	30,38		
	O meu filho faz os tpc sozinho e eu só vou confirmar depois	1	27,00		
	Faço sempre os tpc com ele e procuro ajudar a esclarecer as dúvidas	2	22,00		
Preocupações Parentais	Nunca ajudo a fazer os tpc	7	15,50	5,907	0,206
	Só quando ele me pede ajuda	32	26,27		
	Ajudo sempre a fazer os tpc	8	32,13		
	O meu filho faz os tpc sozinho e eu só vou confirmar depois	1	33,00		
	Faço sempre os tpc com ele e procuro ajudar a esclarecer as dúvidas	2	18,00		
Satisfação	Nunca ajudo a fazer os tpc	7	24,64	1,773	0,777
	Só quando ele me pede ajuda	32	24,56		
	Ajudo sempre a fazer os tpc	8	26,69		
	O meu filho faz os tpc sozinho e eu só vou confirmar depois	1	28,50		
	Faço sempre os tpc com ele e procuro ajudar a esclarecer as dúvidas	2	37,25		
Falta de controlo	Nunca ajudo a fazer os tpc	7	26,64	0,246	0,993
	Só quando ele me pede ajuda	32	25,13		
	Ajudo sempre a fazer os tpc	8	26,69		
	O meu filho faz os tpc sozinho e eu só vou confirmar depois	1	20,50		
	Faço sempre os tpc com ele e procuro ajudar a esclarecer as dúvidas	2	25,25		
Medos e Angustias	Nunca ajudo a fazer os tpc	7	23,64	4,040	0,401
	Só quando ele me pede ajuda	32	27,27		
	Ajudo sempre a fazer os tpc	8	24,56		
	O meu filho faz os tpc sozinho e eu só vou confirmar depois	1	25,50		
	Faço sempre os tpc com ele e procuro ajudar a esclarecer as dúvidas	2	7,50		
Total		50			

Hipótese 2: Existem diferenças estatisticamente significativas entre o nível de stress parental dos pais e algumas características sociodemográficas (existência de irmãos) e escolares (frequência de trabalhos para casa) das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros.

No que diz respeito à possível existência de relação estatisticamente significativa entre o **nível de stress parental dos pais e a existência de irmãos** que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros observa-se que não existem diferenças estatísticas significativas para o total da escala ($U=144,000$; $p \leq 0,304$), no entanto analisa-se pela média de ordens, que quando não existem irmãos os pais revelam maiores níveis de stress (média de ordens=30,00) quando comparadas com os níveis de stress parental dos pais quando existem irmãos (média de ordens=24,51). Através da análise da tabela 18 verificamos ainda que na dimensão ‘*Preocupações Parentais*’, os resultados não são estatisticamente significativos ($U=160,500$; $p \leq 0,551$) para a relação entre as preocupações parentais e a existência de irmãos, sendo que

quando existem irmãos, os pais têm maior nível de preocupações parentais (média de ordens =26,09), sendo menor o nível de preocupações parentais quando não existem irmãos (média de ordens =22,83). Na dimensão “*Satisfação*”, os resultados também não são estatisticamente significativos ($U=156,500$; $p\leq 0,486$), não existindo relação entre a satisfação e a existência de irmãos, sendo que a existência de irmãos (média de ordens =24,82) revela um menor nível de satisfação, enquanto a inexistência de irmãos revela um maior nível de satisfação (média de ordens =28,61). Na dimensão “*Falta de Controlo*” os resultados são estatisticamente significativos ($U=103,500$; $p=0,039$) o que revela a existência de relação entre a falta de controlo e a existência de irmãos. Através destes resultados, verifica-se que a existência de irmãos revela um menor nível de falta de controlo (média de ordens =23,52), enquanto a inexistência de irmãos revela um nível de falta de controlo maior (média de ordens =34,50). Por último, na dimensão “*Medos e Angústias*” os resultados não são estatisticamente significativos ($U=112,500$; $p\leq 0,069$) no entanto, pode verificar-se que quando existem irmãos o nível de medos e angústias é menor (média de ordens =23,74), e quando não existem irmãos o nível de medos e angústias é maior (média de ordens =33,50).

TABELA 18: Resultados da aplicação do Teste U de Mann-Whitney entre o nível de stress parental dos pais e a existência de irmãos

	Existência de Irmãos	Nº	Média de Ordens	U	Z	p
Escala Stress Parental (ESP)	Sim	41	24,51	144,000	-1,029	0,304
	Não	9	30,00			
Preocupações Parentais	Sim	41	26,09	160,500	-0,610	0,551
	Não	9	22,83			
Satisfação	Sim	41	24,82	156,500	-0,756	0,486
	Não	9	28,61			
Falta de controlo	Sim	41	23,52	103,500	-2,092	0,039*
	Não	9	34,50			
Medos e Angústias	Sim	41	23,74	112,500	-1,909	0,069
	Não	9	33,50			
Total		50				

Relativamente à possível existência de relação estatisticamente significativa entre o **nível de stress parental e a frequência de trabalhos de casa das crianças** que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros, tendo em conta os resultados da tabela 19, observa-se que não existem diferenças estatísticas significativas para o total da escala ($\chi^2=2,911$; $p\leq 0,233$), no entanto verifica-se que são os pais das crianças que trazem trabalhos para casa todos os dias que revelam maiores níveis de stress parental (média de ordens=26,75), sendo os pais das crianças que trazem trabalhos para casa dia sim, dia não são os que apresentam menores níveis de stress parental (média de ordens =15,20). Relativamente à dimensão ‘*Preocupações*

Parentais' verifica-se que também não existe relação estatística significativa ($\chi^2 = 1,900$; $p \leq 0,387$), sendo que os pais das crianças que trazem trabalhos para casa todos os dias os que apresentam maior nível de preocupações parentais (média de ordens=26,48) e os pais dos filhos que trazem trabalhos para casa três vezes por semana os que apresentam menor nível de preocupações parentais (média de ordens = 12,00).

Na dimensão “*Satisfação*”, verifica-se que também não existe relação estatisticamente significativa ($\chi^2 = 1,070$; $p \leq 0,586$), verificando-se no entanto um maior nível de satisfação nos pais das crianças que trazem trabalhos para casa três vezes por semana (média de ordens=28,50) e um menor nível de satisfação nos pais das crianças que trazem trabalhos para casa dia sim, dia não (média de ordens = 19,60). Relativamente à dimensão “*Falta de Controlo*”, pode constatar-se que os pais das crianças que trazem trabalhos para casa todos os dias apresentam um maior nível de falta de controlo (média de ordens=25,91), existindo uma menor falta de controlo nos pais das crianças que trazem trabalhos para casa três vezes por semana (média de ordens = 20,50), sendo que também não existe relação estatisticamente significativa ($\chi^2 = 0,326$; $p \leq 0,850$), por fim na análise à dimensão “*Medos e Angústias*” verifica-se igualmente a inexistência de uma relação estatisticamente significativa ($\chi^2 = 4,817$; $p \leq 0,090$), constatando-se um maior nível de medos e angústias nos pais das crianças que trazem trabalhos para casa três vezes por semana (média de ordens=47,00) e também um menor nível de medos e angústias nos pais das crianças que trazem trabalhos para casa dia sim, dia não (média de ordens = 16,00).

TABELA 19: Resultados da aplicação do Teste de Kruskal-Wallis entre o nível de stress parental e a frequência de trabalhos de casa

	Frequência de TPC	Nº	Média de Ordens	χ^2	P
Escala Stress Parental (ESP)	Todos os dias	44	26,75	2,911	0,233
	Dia sim, dia não	5	15,20		
	3 vezes por semana	1	22,00		
Preocupações Parentais	Todos os dias	44	26,48	1,900	0,387
	Dia sim, dia não	5	19,60		
	3 vezes por semana	1	12,00		
Satisfação	Todos os dias	44	26,10	1,070	0,586
	Dia sim, dia não	5	19,60		
	3 vezes por semana	1	28,50		
Falta de controlo	Todos os dias	44	25,91	0,326	0,850
	Dia sim, dia não	5	22,90		
	3 vezes por semana	1	20,50		
Medos e Angústias	Todos os dias	44	26,09	4,817	0,090
	Dia sim, dia não	5	16,00		
	3 vezes por semana	1	47,00		
Total		50			

3. Discussão dos resultados

Neste capítulo serão analisados os resultados, verificando se estes contribuíram para o estudo, tendo em conta as questões de investigação colocadas, bem como referenciados estudos que corroborem ou contraponham os resultados obtidos. Desta forma, iniciaremos analisando os resultados obtidos relativamente às características sociodemográficas e escolares das crianças. Os resultados obtidos através da amostra revelam uma média de idades de 11,40 ($\sigma=0,61$), com um valor mínimo ($X_{min.}$) de 11 anos e um valor máximo ($X_{max.}$) de 13 anos de idade, enquanto que no estudo de Costa (2011), sobre os indutores do stress parental, a distribuição das crianças por idades apresenta uma maior percentagem, de 42,9% ($n=30$), nas crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos, já que o estudo foi efetuado com crianças a frequentarem o ensino pré-escolas e o 1º ciclo do ensino básico.

Verifica-se que na distribuição das crianças de acordo com o género, obtivemos um resultado de 56% ($n=28$) de crianças do sexo feminino e 44% ($n=22$) do sexo masculino. Estes resultados podem ser contrapostos no estudo desenvolvido por Costa (2011) onde participaram 70 crianças e foi obtido um resultado de 50,0% ($n=35$) de crianças do sexo masculino, 48,6% ($n=34$) do sexo feminino e 1,4% ($n=1$) das crianças omitiram esta resposta, tendo este último, talvez devido à maior dimensão da amostra, uma distribuição da mesma mais homogénea, divergindo da amostra obtida no presente estudo que é maioritariamente do sexo feminino.

Relativamente à existência de irmãos, obteve-se um resultado de 82% ($n=41$) das crianças da amostra que afirmaram ter irmãos, sendo que destas, 58% ($n=29$) referiram ter um irmão. No estudo desenvolvido por Andrada et al. (2009), acerca da prontidão escolar e stress parental, com uma amostra de 130 famílias foi obtido um resultado de que 79,53% destas possui até dois filhos, indo de encontro aos resultados obtidos na amostra deste estudo.

Procurou-se também perceber quanto tempo médio permanecem as crianças na escola e quanto tempo têm para brincar. Em relação ao tempo de permanência na escola, a análise dos resultados, verificou-se que a amostra recolhida permanece em média 8,8 horas por dia diariamente ($\sigma=0,37$), com um valor mínimo ($X_{min.}$) de 8 horas e um valor máximo ($X_{max.}$) de 9,0 horas, tendo em média 1,6 horas por dia disponível para brincar ($\sigma=0,75$), com um valor mínimo ($X_{min.}$) de 1 hora e um valor máximo ($X_{max.}$) de 3 horas. Apesar de alguns autores referirem que as crianças não têm tempo para brincar, não foram encontrados estudos que pudessem justificar de forma clara os resultados obtidos.

Em relação às atividades extracurriculares, a amostra recolhida revelou que 70% (n=35) das crianças frequentam alguma atividade e destas, 26% (n=13) referem que esta as ocupa 3 vezes por semana, sendo estes resultados superiores aos de Silva (2009), sobre o tema A Gestão de Tempo dos Alunos – Perceções dos Alunos do Ensino Básico, que obteve um resultado de 67,4% de crianças que referiram que frequentam atividades extracurriculares, sendo que destas, 11,8% dedicam 3 horas por semana a estas atividades.

Na análise dos dados escolares das crianças em relação aos trabalhos para casa, verificou-se que 88% (n=44) da amostra referiram trazer trabalhos para casa todos os dias, contrapondo os resultados obtidos por Colaço (2007), que numa amostra de 75 questionários, obteve um resultado de 33,3% das crianças que trazem trabalhos para casa todos os dias. Estes resultados, tão díspares dos que foram obtidos no presente estudo, podem ser justificados pela amostra que, em Colaço (2007) foi obtida junto de professores do 1º ciclo. No que diz respeito à questão sobre a forma como classificam os trabalhos para casa, 36% (n=18) da nossa amostra refere ter poucas dificuldades e 34% (n=17) consideram que os trabalhos para casa ajudam “pouco” a ter melhores notas, contrariamente a Silva (2009) que obteve um resultado de 88,2% (N=279) das crianças que referiram que estes são importantes para melhorar os resultados escolares.

Quando questionados sobre a existência de alguém que ajude a fazer os trabalhos para casa, 78% (n=39) da amostra referiram ter alguém que ajude, indo de encontro aos resultados obtidos por Antunes (2012) no seu estudo sobre os trabalhos para casa numa escola de 1º ciclo do ensino básico, que com uma amostra de 73 crianças obteve um resultado de 75,4% (n=55) de crianças que responderam ter alguém que as ajude a fazer os trabalhos para casa. Na questão sobre quem ajuda, 42% (n=21) da amostra indicou a mãe como a pessoa que ajuda, tal como Miranda (2011) no seu estudo sobre a prática de ensino supervisionada do 1º e 2º ciclo, obteve um resultado de 30 (N=75) crianças que referiram ser a mãe que as ajuda na realização dos trabalhos para casa.

Por fim, a nossa amostra de crianças foi questionada sobre a forma como classificam a quantidade de trabalhos para casa, tendo 42% (n=21) referido que consideram a quantidade de trabalhos para casa “razoáveis”. Foram também questionados acerca do tempo que demoram a realizar os trabalhos para casa diariamente, o que demonstrou um resultado médio de 51,9 minutos ($\sigma=28,69$), com um valor mínimo (Xmin.) de 15 minutos e um valor máximo (Xmax.) de 120 minutos. Estes resultados vão de encontro ao que refere Araújo (2009), que considera que a quantidade de tempo dedicada aos trabalhos para casa é demasiada, forçando as crianças a horários de estudo semelhantes aos horários de trabalho dos adultos e não lhes

permitindo tempo nem espaço para brincar livremente.

No que diz respeito aos resultados obtidos sobre as características sociodemográficas e laborais dos pais das crianças, verificou-se que a média de idades dos 50 pais que participaram no estudo é de 40,18 ($\sigma=40,00$), com um valor mínimo (Xmin.) de 29 anos e um valor máximo (Xmax.) de 54 anos de idade. Na análise destes resultados, é importante referir que no estudo desenvolvido por Barnett & Gareis (2006) sobre o stress parental depois da escola e o bem-estar psicológico, participaram 243 pais, tendo sido obtida uma média de idades de 39,2, sendo o valor mínimo (Xmin.) de 25 anos e um valor máximo (Xmax.) de 59 anos de idade. Este resultado, apesar do número de participantes ser muito superior ao do presente estudo, vai de encontro ao resultado obtido. Também no estudo desenvolvido por Lopes, Catarino & Dixe (2010) sobre as estratégias de coping no exercício da parentalidade e a sua relação com fatores sociodemográficos, pode verificar-se que a amostra foi desenvolvida com 64 pais de crianças (N=64), tendo estes uma média de idades de 32,75 anos, sendo o valor mínimo (Xmin.) de 19 anos e um valor máximo (Xmax.) de 46 anos de idade. Este valor médio é inferior ao do presente estudo, apesar do maior número de participantes, o que poderá ser justificado pelo facto de neste último estudo, a amostra ter sido seleccionada tendo em conta serem pais de crianças até 3 anos de idade, contrariamente ao nosso estudo, onde a amostra foi constituída por crianças a frequentarem o 2º Ciclo.

No presente estudo, verificou-se que 86% da nossa amostra (n=43) são pais do sexo feminino e 82% (n=41) têm como estado civil casado/união de facto. De encontro a estes resultados vai também o estudo desenvolvido por Barnett & Gareis (2006), onde dos 243 participantes foi obtida uma percentagem de 84,3% de encarregados de educação do sexo feminino, bem como uma percentagem de 70% da amostra de pais casados.

Em relação ao nível de escolaridade dos pais, a nossa amostra revelou que 42% (n=21) dos participantes referiram ter o 3º ciclo como escolaridade, contrariamente aos resultados obtidos no estudo de Costa (2011), onde foi obtida uma percentagem de 22,86% das mães (N=69) com o 12º ano concluído e de 12,86% dos pais também com este nível de escolaridade completo.

Procurou-se também perceber quantas horas de trabalho diário têm os pais e quantas horas dispensam diariamente aos seus filhos, o que revelou, de acordo com os resultados, que 38% (n=19) dos pais da amostra recolhida referiram trabalhar mais de 8 horas por dia e 36% (n=18) responderam dedicar mais de 2h30 por dia aos filhos. Perante os resultados obtidos no estudo de Barnett & Gareis (2006), onde 44,2% (N=243) da amostra referiu trabalhar entre 20 a 86 horas por semana, podemos concluir que se enquadra nos resultados obtidos no presente

estudo. Relativamente ao tempo dedicado aos filhos, no estudo desenvolvido por Ramey e Ramey (2009), intitulado *the rug rat race*, onde se procurou perceber o tempo que os pais dedicam aos filhos desde 1986 a 2005, o resultado obtido revelou que os pais de crianças dos 0 aos 14 anos dedicam semanalmente 2,39 horas aos seus filhos, o que difere muito dos resultados aqui obtidos.

Na caracterização da amostra face ao apoio aos filhos na realização dos trabalhos para casa pelos encarregados de educação, verificou-se que 64% (n=32) da nossa amostra ajuda os filhos na execução dos trabalhos para casa só quando ele pede ajuda, diferindo do estudo desenvolvido por Gonçalves (2010) sobre o envolvimento parental nos trajetos escolares dos filhos nas escolas integradas e escolas segmentadas e a influência sobre os resultados escolares dos alunos, onde foi obtido um resultado de 27% (N=275) quando a criança pede ajuda e de 60% (N= 275) quando a criança tem dúvidas. Quando questionados acerca de considerarem os trabalhos para casa muito úteis para a aprendizagem, 42% (n=21) da nossa amostra concorda com a afirmação, indo de encontro ao referido por Araújo (2009), onde se considera os trabalhos para casa repetitivos e inúteis, retirando tempo livre às crianças que deveria ser aproveitado para brincarem. No entanto, em relação à afirmação de que consideram que os trabalhos para casa promovem a harmonia familiar, 40% (n=20) da amostra respondeu que discorda da afirmação, resultados estes que vão de encontro ao referido por Colaço (2007), citando Perrenoud (1995), conforme anteriormente referido, os trabalhos para casa servem para enervar e culpabilizar os pais, deixando-os angustiados, em vez promoverem o diálogo. Por outro lado, Pires (2012) no seu estudo sobre os trabalhos para casa no 1º ciclo do ensino básico - a visão das crianças e dos pais obteve um resultado de 94% (N=77) na questão sobre a quantidade de trabalhos para casa e se estes seriam prejudiciais para as atividades em família. Dos 4 pais que consideraram que a quantidade de TPC era prejudicial, 2 apresentaram a justificação de que, quando as crianças têm atividades não tem tempo disponível para estar com a família e os outros 2 pais justificaram que não há tempo para conversar sobre o dia escolar e para o convívio familiar. Estas investigações vão também de encontro ao resultado obtido pela nossa amostra em relação à afirmação de que os trabalhos de casa retiram tempo para a comunicação e interação familiar, onde 62% (n=31) referiu concordar com esta.

Relativamente á afirmação de que os trabalhos de casa são fonte de conflito familiar, 30% (n=15) respondeu concordar com a mesma, o que vai também de encontro ao referido por Perrenoud (1995), citado por Colaço (2007), onde este refere que os trabalhos de casa servem para enervar os pais, conforme anteriormente referido.

Quando questionados acerca de os filhos gostarem de fazer os trabalhos para casa, 44% (n=22) da nossa amostra refere discordar da afirmação, o que também se verifica no estudo desenvolvido por Silva (2009), onde 61,6% (N=279) da amostra de crianças referem não gostar de fazer os trabalhos de casa. Em relação á afirmação de que o volume de trabalhos para casa que os filhos trazem é adequado, 28% (n=14) da nossa amostra referiu discordar com a afirmação e por fim, perante a afirmação de que a aprendizagem deva ser feita exclusivamente na escola, deixando tempo e espaço para promover a harmonia familiar, 30% (n=15) responderam concordar totalmente com esta. Estes resultados remetem-nos novamente para Araújo (2009), onde esta considera que os trabalhos para casa podem ser uma forma de rever a matéria dada e ajudar a ultrapassar dificuldades de aprendizagem, no entanto isso poderá e deverá ser feito na escola, uma vez que considera que estes são excessivos e repetitivos e ao serem feitos em casa, não permitem à criança espaço nem tempo para brincar livremente.

Uma das questões fundamentais deste trabalho, prende-se com a avaliação do nível de stress parental experimentado pelos encarregados de educação, e no seguimento deste, a determinação da existência de relação entre os níveis de stress parental e algumas características sociodemográficas e laborais/escolares. De acordo com os resultados obtidos foi possível verificar que, em relação aos níveis de stress parental o valor médio obtido é de 38,58, sendo considerado um nível baixo de stress parental, uma vez que de acordo com o teste, o intervalo de 18 a 40 corresponde à categoria de baixos níveis de stress parental, o intervalo de 43 a 66 à de níveis intermédios de stress parental e o intervalo de 67 a 90 à categoria de elevados níveis de stress parental.

Das características sociodemográficas e laborais analisadas, tendo em conta a possível correlação com os níveis de stress parental, verificou-se que não existem resultados estatisticamente significativos entre os níveis de stress parental e a idade dos pais. No entanto na análise destes resultados foi possível verificar que para as dimensões “preocupações parentais” e “falta de controlo” a correlação é negativa o que revela que conforme a idade dos pais vai aumentando, o nível de preocupações parentais e de falta de controlo vai diminuindo, indo de encontro a Costa (2011) no seu estudo sobre os indutores do stress parental, que também verificou a inexistência de relação estatisticamente significativa entre o nível de stress parental e a idade dos pais, tendo obtido um resultado de $p=0,109$.

Foi analisada também a possível relação entre o nível de stress parental e o sexo dos pais das crianças, cujos resultados também não foram estatisticamente significativos ($U=103,000$; $p\leq 0,182$), apesar de se poder constatar que os pais do sexo feminino apresentam

maiores níveis de stress parental para o total da escala e na análise das subdimensões estes revelam também maiores níveis de preocupações parentais e menores níveis de satisfação, comparativamente aos pais do sexo masculino, que revelam maiores níveis de falta de controlo e de medos e angústias. Também Costa (2011) no seu estudo sobre os indutores do stress parental verificou a inexistência de relação estatisticamente significativa entre o nível de stress parental e o género dos pais, tendo obtido um resultado de $p=0,975$.

Procurou-se também perceber a existência de relação entre o nível de stress parental e o estado civil dos pais das crianças e apesar de não existir relação estatisticamente significativa ($\chi^2=0,661$; $p\leq 0,882$) pode verificar-se que os pais viúvos apresentam maiores níveis de stress parental no total da escala. Na análise das subdimensões verificou-se também que os pais solteiros revelam maiores níveis de preocupações parentais, os pais divorciados/separados maiores níveis de satisfação, os pais viúvos maiores níveis de falta de controlo e os pais divorciados/separados maiores níveis de medos e angústias. Em relação a estes resultados, não foram encontrados estudos que pudessem contrapor ou justificar a relação entre o nível de stress parental e o estado civil dos pais.

Um dos resultados obtidos mais significativos prende-se com a relação entre os níveis de stress parental e os rendimentos dos pais das crianças, onde foi encontrada relação estatisticamente significativa na subescala *Preocupações Parentais* ($\chi^2=9,598$; $p\leq 0,048$) sendo que os pais com maiores rendimentos apresentam menores níveis de preocupações parentais. Também aqui, não foram encontrados estudos que justificassem os resultados obtidos.

Relativamente à relação entre o nível de stress parental e o tempo dispensado ao filho não se verificou existir relação estatisticamente significativa ($\chi^2=5,246$; $p\leq 0,263$), salientando-se, no entanto, dos resultados obtidos um maior nível de medos e angústias e de falta de controlo nos pais que dispensam menos tempo aos filhos e os que dedicam mais tempo aos filhos apresentam menores níveis de medos e angústias. Estes resultados também não foram passíveis de comparação, uma vez que não foram encontrados estudos sobre este tema.

A ajuda ao filho/a, também não se revelou estar relacionada com os níveis de stress parental, no entanto, apesar de não existir relação estatisticamente significativa ($\chi^2=2,127$; $p\leq 0,712$), pode verificar-se que os pais que nunca ajudam os filhos a fazerem os trabalhos para casa revelam menor nível de stress parental e menor nível de preocupações parentais. Por outro lado, os que fazem sempre os trabalhos para casa com os filhos e procuram ajudar a

esclarecer dúvidas apresentam menores níveis de medos e angústias e maior satisfação. Também nestes resultados, não foram encontrados estudos que pudessem confirmá-los ou confrontá-los.

Na questão relacionada com a análise das características sociodemográficas e escolares e da sua relação com os níveis de stress parental verificou-se que não existe relação estatisticamente significativa entre o nível de stress parental e a existência de irmãos para o total da escala ($U=144,000$; $p\leq 0,304$), apesar de se ter obtido relação estatisticamente significativa na dimensão *Falta de Controlo* ($U=103,500$; $p\leq 0,039$) o que revela que a inexistência de irmãos revela um maior nível de falta de controlo. Na linha destes resultados, também Andrada et al. (2009), no estudo desenvolvido acerca da prontidão escolar e stress parental verificou a existência de relação entre o stress parental e o número de filhos, concluindo que quanto maior é o stress global, menor é o número de filhos, deduzindo que, provavelmente, numa relação de cooperação, as famílias mais numerosas tendem a lidar melhor com os fatores stressantes, em oposição às famílias menos numerosas, onde pelas razões opostas, apresentam maiores fontes de stress.

A frequência dos trabalhos para casa também não revelou estar relacionada com os níveis de stress parental, observando-se que não existem diferenças estatisticamente significativas para o total da escala ($\chi^2=2,911$; $p\leq 0,233$), sendo no entanto possível verificar que a existência de trabalhos para casa todos os dias revela um maior nível de stress parental, de preocupações parentais e de falta de controlo. Por outro lado, a existência de trabalhos para casa 3 vezes por semana revela maior nível de medos e angústias e de satisfação e um menor nível de falta de controlo. Nesta análise também não foi possível a comparação de resultados devido ao facto de não terem sido encontrados estudos onde esta relação estivesse presente.

CONCLUSÃO

Dos principais dados sociodemográficos obtidos, salienta-se, relativamente à amostra das crianças, que estas permanecem em média 8,8 horas na escola e dispõem para brincar uma média de 1,6 horas por dia. Também se verificou que a maioria da amostra frequenta alguma atividade extracurricular, maioritariamente 3 vezes por semana. Em relação aos trabalhos para casa, verificou-se que a maior percentagem das crianças trazem trabalhos para casa todos os dias, demorando em média 51,9 minutos para os fazer. Através destes dados pode constatar-se que o tempo livre destas crianças se revela muito reduzido.

Relativamente aos dados sociodemográficos dos encarregados de educação, verificou-se, na amostra recolhida, uma média de idades de 40,18 anos e possuem como escolaridade maioritariamente o 3º ciclo. A maioria da nossa amostra trabalha mais de 8 horas por dia e dispensa mais de 2h30m aos filhos diariamente, resultados estes que podem ser vistos como contraditórios, uma vez que estas 2h30m podem não ser reais e úteis, dado ao elevado número de afazeres domésticos que os pais têm. Em relação aos dados obtidos face ao apoio aos filhos na realização dos trabalhos de casa, verificou-se que a maioria da amostra ajudam os filhos só quando eles pedem ajuda, a maioria também considera os trabalhos para casa muito úteis para a aprendizagem, os pais da amostra discordam maioritariamente que estes promovam a harmonia familiar. Também no contexto destes resultados, verificou-se que a maior percentagem da amostra concorda que os trabalhos para casa retiram tempo para a comunicação e interação familiar, e consideram que os trabalhos para casa são fonte de conflito familiar. A maioria dos pais inquiridos também referiu discordar que os filhos gostem de fazer os trabalhos para casa e que o volume de trabalhos para casa seja adequado. Por fim, foram questionados acerca da aprendizagem dever ser feita exclusivamente na escola, deixando tempo e espaço para promover a interação familiar, ao que a maioria dos pais respondeu concordar totalmente com esta afirmação. Perante o exposto, pode referir-se que, com base na amostra, os trabalhos para casa são úteis, mas são considerados fonte de conflito familiar, retirando tempo para a comunicação e interação familiar, o que revela que os trabalhos de casa poderão ser considerados um fator de stress parental, uma vez que depois de um dia de trabalho, os pais chegam a casa, organizam as tarefas domésticas enquanto os filhos se debatem para fazer os trabalhos de casa, ocupando o tempo que deveria ser de harmonia e descontração, depois de um dia preenchido, para toda a família.

De uma forma global, os resultados deste estudo revelaram baixos níveis de stress parental, assim como não existência de relação estatisticamente significativa entre as características sociodemográficas recolhidas, o que não permite a confirmação das hipóteses enunciadas. No que diz respeito à primeira hipótese, onde se previa a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o nível de stress parental dos pais das crianças e algumas características sociodemográficas e laborais, ressalva-se o resultado obtido na relação existente entre os rendimentos dos pais e os níveis de preocupações parentais. Tendo este resultado revelado a existência de relação estatisticamente significativa, pode-se concluir que os pais com rendimentos mais elevados apresentam menores níveis de preocupações parentais, conclusão esta que poderia servir como ponto de partida para futuras investigações, na medida em que a existência de relação entre estas duas variáveis poderia posteriormente revelar a existência de relação entre os rendimentos dos encarregados de educação e outros fatores associados à vida escolar das crianças.

No que concerne á segunda hipótese, propôs-se a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o nível de stress parental dos pais e algumas características sociodemográficas e escolares das crianças, o que na globalidade não se comprovou. Salienta-se no entanto um resultado estatisticamente significativo obtido na relação entre a inexistência de irmãos e os elevados níveis de falta de controlo. Este resultado, se por um lado pode ser considerado pouco expectável, pois a falta de controlo parental tenderia a ser maior nos pais com maior número de filhos por terem que repartir a atenção e todos os cuidados por todos os filhos, por outro lado, a existência de pelo menos um irmão aumenta a experiência da parentalidade, provocando uma diminuição da falta de controlo, uma vez que a existência de uma experiência anterior tende a apaziguar os pais, provocando-lhes menores níveis de falta de controlo.

No desenvolvimento deste estudo, foram encontradas algumas dificuldades e limitações, passando essencialmente pelo tamanho reduzido da amostra, que poderá não revelar resultados representativos da população, pelo facto da mesma ter sido recolhida num colégio privado, devido aos entraves colocados numa escola pública onde inicialmente se pretendia desenvolver a investigação e também pelo facto de ser ter percebido, na análise dos resultados, da existência de algumas respostas contraditórias, o que revela a desajustabilidade social dos pais nas respostas dadas. Estamos conscientes que se trata de um trabalho que não permite generalização, não só devido à singularidade do tema como ao próprio campo de estudo. As dificuldades que tivemos consistiram, essencialmente, no facto de se tratar de um objeto de estudo pouco explorado a nível da investigação, o que tornou difícil a nossa

pesquisa teórica. No entanto, o nosso interesse por esta problemática fez com que o trabalho prosseguisse apesar das dificuldades encontradas.

Tendo em conta estas dificuldades e limitações, considera-se que o desenvolvimento desta investigação numa escola pública, onde existe maior diversidade de características sociodemográficas, com uma amostra maior, ou dispersa entre duas ou mais escolas do mesmo nível de ensino e a total transparência dos pais no preenchimento dos questionários, conduziriam certamente a resultados diferentes dos resultados aqui obtidos, deixando assim como sugestão futura, a replicação deste estudo nas condições anteriormente descritas, ou noutras mais adequadas, uma vez que escasseiam estudos que pretendam relacionar o stress parental com características sociodemográficas e escolares dos filhos.

Quanto à mais-valia desta investigação, considero que como psicóloga, contribuí para o aprofundamento do conhecimento científico sobre esta matéria, não só pelo enquadramento teórico realizado, como pela possibilidade de aplicabilidade do estudo em qualquer outro contexto educativo. Como mãe, consegui construir um conhecimento mais aprofundado sobre o tema em questão e tenho a convicção de que o mesmo pode originar novas interrogações uma vez que constato no meu dia a dia as dificuldades sentidas pelos pais relativamente a esta temática.

É importante salientar que ao encerrar este trabalho, ele não se encontra concluído, na medida em que ainda há muito que refletir, questionar e problematizar. As possibilidades que surgem a partir deste estudo são muitas, inquietam, fazem refletir, prosseguir e obter respostas.

BIBLIOGRAFIA

Andrada, E. Et all (2009). *Prontidão Escolar e Estresse Parental*. Artigo publicado em Psicologia para América Latina, Revista Electrónica Internacional de la Unión Latinoamericana de Entidades de Psicología nº18. Acedido em 28, julho, 2012 em <http://psicolatina.org/18/prontitud.html>

Antunes, C. (2012). *Os trabalhos para casa numa escola de 1º ciclo do ensino básico*. Dissertação de mestrado não publicada: Instituto Politécnico de Castelo Branco. Acedido em 17, outubro, 2012 em <http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/1264/1/os%20trabalhos%20de%20casa%20numa%20escola%20de%201%C2%BA%20ciclo%20de%20ensino%20b%C3%A1sico.pdf>

Araújo, M. (2009). *Crianças Ocupadas*. (1ª Ed.) Lisboa: Prime Books

Barnett R. & Gareis, K. (2006). *Parental After-School Stress and Psychological Well-Being*. Journal of Marriage and Family, nº68, p.101-108. Acedido em 17, julho, 2012 em <http://www.brandeis.edu/barnett/docs/pass.pdf>

Carvalho, M. e Burity, M. (2006). *Dever de Casa: Visões de Mães e Professoras*. Artigo publicado em *Olhar de Professor* año/vol.9, numero 001, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil, pp.31-46. Acedido em 12, abril, 2012 em <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/684/68490103.pdf>

Colaço, M. (2007). *A relação Escola-Família e o envolvimento dos pais: representações de professores do 1º Ciclo do Concelho de Rio Maior*. Dissertação de mestrado não publicada: Universidade Aberta. Acedido em 12, abril, 2012 em <http://hdl.handle.net/10400.2/651>

Costa, C. (2011). *Indutores do Stress Parental*. Dissertação de mestrado não publicada: Universidade Fernando Pessoa: Porto. Acedido em 12, abril, 2012 em http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1977/1/DM_13655.pdf

Duchovic, C. et all (2009). *Factors Associated With Parental Distress*. Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing, Volume 22, Number 1, pp. 40–48. Acedido em 12, abril, 2012 em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2669749/pdf/nihms101373.pdf>

Fortin, M. (1996). *O processo de Investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência - Edições Técnicas e Científicas, Lda.

Gonçalves, E. (2010). *Envolvimento parental nos trajectos escolares dos filhos nas escolas integradas e escolas segmentadas. A Influência sobre os resultados escolares dos alunos*. Dissertação de mestrado não publicada: Universidade Nova de Lisboa. Acedido em 14, outubro, 2012 em http://run.unl.pt/bitstream/10362/5695/1/disserta%C3%A7%C3%A3o_final_EvaGon%C3%A7alves.pdf

Leal, I. e Maroco, J. (2010) *Avaliação em Sexualidade e Parentalidade*. Porto: Legis Editora

Lopes, M., Catarino, H., Dixe, M. (2010b). *Estratégias de coping no exercício da parentalidade e a sua relação com os fatores sociodemográficos*. Estudo não publicado, Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Leiria: Leiria.

Miranda, G. (2011). *Prática de Ensino Supervisionada em ensino do 1º e do 2º ciclo do ensino básico*. Dissertação de mestrado não publicada: Instituto Politécnico de Bragança: Bragança. Acedido em 16, outubro, 2012 em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/6847/1/Relato%cc%81rio%20final.pdf>

Pires, S. (2012). *Os trabalhos para casa no 1º ciclo do ensino básico - a visão das crianças e dos pais*. Dissertação de mestrado não publicada: Instituto Politécnico de Castelo Branco. Acedido em 17, outubro, 2012 em <http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/1291/1/os%20trabalhos%20para%20casa%20no%201%C2%BA%20ciclo%20do%20ensino%20b%C3%A1sico%20a%20vis%C3%A3o%20das%20crian%C3%A7as%20e%20dos%20pais.pdf>

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva - Publicações, Lda.

Ramey G. & Ramey V. (2010) *The Rug Rat Race*. University of California: San Diego. Acedido em 14, outubro, 2012 em <http://econ.ucsd.edu/~vramey/research/Rugrat.pdf>

Reis, P. (2009). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Artigo publicado em Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Universidade do Minho: Braga.

Silva, I. (2009) *A Gestão de Tempo dos Alunos – Perceções dos Alunos do Ensino Básico*. Dissertação de mestrado não publicada: Universidade do Algarve: Faro. Acedido em 15, outubro, 2012 em <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/712/1/TESE%20DE%20MESTRADO%20A%20gest%C3%A3o%20de%20tempo%20dos%20alunos.pdf>

ANEXOS

Exmos Senhores Diretores do Colégio João de Barros:

Eu, Ana Rita Ramalho dos Reis e Silva, Psicóloga a realizar o Mestrado no ramo de Psicoterapia e Psicologia Clínica no Instituto Superior Miguel Torga, venho por este meio solicitar a vossa autorização para a realização de um estudo nesta instituição.

O estudo intitula-se “**Fatores Preditivos do Stress Parental**” e tem como principais objetivos conhecer as características sócio-demográficas e Laborais dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros; conhecer as características sócio-demográficas e Escolares das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros; avaliar o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros; determinar a relação existente entre o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros e algumas características sócio-demográficas e Laborais; e determinar a relação existente entre o nível de stress parental dos pais das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros e algumas características sócio-demográficas e Escolares das crianças que frequentam o 2º ciclo do Colégio João de Barros.

Para a realização do presente estudo, utilizarei como métodos de colheita de dados o Questionário sócio-demográfico e Escolar dos Alunos, o Questionário sócio-demográfico e Laboral do Encarregado de Educação, e a Escala de Stress Parental, que serão preenchidos pelas crianças e respetivos Encarregados de Educação. Estes Questionários encontram-se em anexo.

Prevê-se que a colheita de dados seja realizada durante aproximadamente dois dias, com a colaboração dos alunos e seus Encarregados de Educação que preencham os requisitos para fazer parte da amostra. Não será causado qualquer dano ao funcionamento do serviço e da instituição. Será obtido o consentimento informado dos participantes e garantidas a confidencialidade dos dados, a privacidade e o respeito pelas pessoas.

Solicito também o vosso consentimento para revelar o nome da instituição no relatório final deste estudo. Agradeço a vossa compreensão e a vossa colaboração, na medida em que esta é indispensável para a concretização do estudo.

Atenciosamente,

Coimbra, 03 de maio de 2012

O meu nome é Ana Rita Ramalho dos Reis e Silva, aluna de mestrado no ramo de Psicoterapia e Psicologia Clínica do Instituto Superior Miguel Torga, e estou a realizar um estudo onde se pretende perceber os Fatores Preditivos de Stress Parental.

Gostaria de contar com a sua colaboração durante breves minutos para responder a algumas questões. A sua colaboração é essencial mas é voluntária, as respostas são confidenciais e serão utilizadas exclusivamente para esta pesquisa. A divulgação das informações será anónima, pelo que não tem que assinar nem escrever o seu nome em nenhum local do interior deste questionário.

É importante que seja o mais honesto(a) possível e que responda a todas as questões deste questionário.

Este questionário, dividido em três partes deverá ser respondido pelo encarregado de educação (duas primeiras partes) e pelo aluno (terceira parte).

A primeira parte deverá ser entregue e respondida pelo seu filho(a) e sob a designação “Questionário Sociodemográfico e Escolar”, pretende-se obter respostas relacionadas com as atividades curriculares e não curriculares e durabilidade das mesmas.

A segunda parte é composta por questões relacionadas com os dados Sociodemográficos e Laborais, intitulada “Questionário Sociodemográfico e Laboral” e a terceira parte é constituída por diversas questões que permitem medir o nível de Stress Parental, intitulada “Escala de Stress Parental”, devendo estas serem respondidas pelo Encarregado de Educação.

Se tiver alguma pergunta a fazer antes de decidir, sinta-se à vontade para esclarecer todas as suas dúvidas.

A todos os participantes agradeço a sua colaboração.

Data: ___/___/_____

Hora: ___:___

Assinatura

Questionário Sóciodemográfico e Escolar

(A PREENCHER PELO ALUNO)

Dados sóciodemográficos:

1. Idade: _____ (anos)

2. Sexo: Masculino Feminino

3. Tens Irmãos? Sim Não

4. Quantos? _____

Dados Sócio Escolares:

5. Normalmente a que horas vens para a escola? _____ Horas _____ Minutos

6. Quanto tempo normalmente tens de hora de almoço?
Minutos _____

7. Quanto tempo permaneces na escola diariamente? _____ Horas por dia

8. Qual é a disciplina que mais gostas? _____

9. Quanto tempo utilizas diariamente para brincar? _____ Horas por dia

10. Frequentas alguma atividade extracurricular (ex: futebol, dança, música etc...)?

Sim Não

10.1. Se Sim, qual/quais? _____

10.2. Quantas vezes por semana?

1 vez por semana	2 vezes por semana	3 vezes por semana	4 vezes por semana	+ de 4 vezes por semana

11. Com que frequência trazes Trabalhos para Casa (TPC)?

Todos os dias	Dia Sim, Dia Não	3 vezes por Semana	2 vezes por Semana	1 vez por Semana

12. Quanto tempo demoras diariamente a fazer os TPC? _____ Minutos

13. Como classificas a forma como fazes os TPC?

Não tenho dificuldades	Tenho poucas dificuldades	Tenho algumas dificuldades	Tenho muitas dificuldades	Não sou capaz de fazer os TPC sem ajuda

14. Achas que fazer os TPC te ajuda a ter melhores notas?

Muito	Bastante	Indiferente	Pouco	Nada

15. Quando tens dificuldades em fazer os TPC, tens alguém que te ajuda?

Sim Não

15.1. Se Sim, indica quem? _____

16. Como classificas a quantidade de TPC?

Muitos	Bastantes	Razoáveis	Poucos	Nenhuns

Obrigado pelas tuas respostas!

Questionário Sociodemográfico e Laboral

(A PREENCHER PELO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO)

Dados sóciodemográficos:

1. Idade: _____ (anos) 2. Sexo: Masculino Feminino

3. Estado Civil:

Solteiro/a	Casado/a União de Facto	Divorciado Separado de Facto	Viúvo

4. Escolaridade:

1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Bacharelato/Licenciatura	Mestrado/Doutoramento

Dados Sócio Laborais:

5. Profissão: _____

6. Horas de Trabalho diário:

Até 5 Horas	6 Horas	7 Horas	8 Horas	Mais de 8 Horas

7. Rendimento Mensal:

Até 499,00€	Entre 500,00 e 749,00€	Entre 750,00 e 999,00€	Entre 1000 e 1499,00€	Mais de 1500,00€

8. Tempo que dispensa diariamente ao/s seu/s filho/s:

Menos de 1 hora (< 1h)	Entre 1 hora e 1,30 Horas (≥ 1h e < 1h30)	Entre 1,30H e 2 Horas (≥ 1h30 e < 2h)	Entre 2 Horas e 2,30 Horas (≥ 2h e < 2h30)	Mais de 2,30 Horas (≥ 2h30)

9. Ajuda os seus filhos na execução dos Trabalhos de Casa:

Nunca ajudo a fazer os TPC	Só quando ele me pede ajuda	Ajudo sempre a fazer os TPC	O meu filho faz os TPC sozinho e eu só vou confirmar depois	Faço sempre os TPC com ele e procuro ajudar a esclarecer as dúvidas

10. De acordo com as seguintes afirmações, coloque uma cruz no quadrado correspondente ao seu nível de concordância com as mesmas:

	Discordo Totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo Totalmente
Considero os TPC muito úteis para a aprendizagem					
Considero que os TPC promovem a harmonia familiar					
Os TPC retiram tempo para a comunicação e interação familiar					
Os TPC são fonte de conflito familiar					
O meu filho gosta de fazer os TPC					
O volume de TPC que o meu filho traz é adequado					
Penso que a aprendizagem deve ser feita exclusivamente na escola, deixando tempo e espaço para promover a interação familiar.					

ESCALA DE STRESS PARENTAL

(Maria de Lurdes Mixão, Isabel Leal, João Maroco; 2007)

As seguintes afirmações descrevem sentimentos e percepções acerca da experiência de ser pai/mãe. Pense em cada um dos itens em termos de como é tipicamente a sua relação com o seu filho. Por favor, indique até que ponto concorda ou discorda dos seguintes itens, colocando o número no respetivo espaço, de acordo com a grelha seguinte.

1	2	3	4	5
Discordo	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo
Totalmente				
Totalmente				

1. Estou contente no meu papel de pai (mãe).

2. Faço tudo o que for preciso pelo(s) meu(s) filho(s).

3. Cuidar do(s) meu(s) filho(s) por vezes exige mais tempo e energia do que aquele que tenho para dar.

4. Às vezes penso se faço o suficiente pelo(s) meu(s) filho(s).

5. Sinto-me próximo do(s) meu(s) filho(s).

1

2

3

4

5

Discordo

Discordo

Indeciso

Concordo

Concordo

Totalmente

Totalmente

6. Gosto de passar tempo com o(s) meu(s) filho(s).

7. O(s) meu(s) filho(s) é uma importante fonte de afeto para mim.

8. A maior fonte de Stress da minha vida é o meu(s) filho(s).

9. Ter um filho(s) deixa-me pouco tempo e não me permite uma grande flexibilidade na minha vida.

10. Ter um filho(s) tem sido um peso financeiro.

11. É difícil contrabalançar diferentes responsabilidades por causa do(s) meu(s) filho(s).

1

2

3

4

5

Discordo

Discordo

Indeciso

Concordo

Concordo

Totalmente

Totalmente

12. O comportamento do(s) meu(s) filho(s) é muitas vezes embaraçador ou stressante para mim.

13. Se fizesse tudo de novo decidia não ter filho(s).

14. Eu sinto-me oprimido(a) pela responsabilidade de ser pai (mãe).

15. Ter um filho(s) significa ter poucas escolhas e pouco controlo sobre a minha vida.

16. Sinto-me satisfeito(a) como pai (mãe).

17. Acho o(s) meu(s) filho(s) adoráveis.

Obrigado pela sua Colaboração!